

OS IMPLICADOS no 18 de Abril instituíram a delacção como "escola de carácter"

Cada vez mais nos convencemos de que a noção da boa e má moral se encontra completamente adulterada por essa gente que tudo pretende moralizar: os conservadores. Só uma absoluta inversão do sentimento da moralidade pode levar alguém a achar digna, nobre e elevada a atitude que os oficiais implicados no movimento revolucionário de 18 de abril vêm assumindo.

O *Correio da Manhã*, órgão monárquico, continua a elevar aos cornos da lua os «bravos» militares, aproveitando-se das desleais afirmações e das desleais atitudes dos réus, para fazer a sua reacção e perigosa propaganda da intervenção do exército na vida política do país.

Felizmente que este apoio da folha monárquica tanto destrói os revoltosos como as próprias ideias realistas, pois nunca vimos que fosse defensiva, como princípio salutar, a delacção, a denúncia pública que homens do mesmo «metier» vêm fazendo uns aos outros, num desprezo confregado pela sua própria dignidade.

Nem os republicanos, no tempo da monarquia, nem actualmente os sindicalistas, os anarquistas ou comunistas—nem os próprios monárquicos, quando seus movimentos fracasam e são julgados por delito de rebelião, denunciam publicamente os traidores. Por consideração para com aqueles que faltam aos seus compromissos? Não! Apenas por uma questão de elegância moral, de brio próprio, de respeito pela sua condição de homens. Denunciar em tais circunstâncias um traidor à causa é enlamear a causa que se defende e fazer descer os que se arriscaram por um ideal até à baixeza daqueles que o traíram.

Nas audiências da Sala do Risco os homens que pretendiam moralizar a nação, os que desejavam arrancar o país do atoleiro onde mergulhava, instituíram a denúncia como base moral da sua atitude.

Desde o mais categorizado ao mais modesto, todos, salvo raras excepções, assumiram o papel de denunciadores com um à vontade, uma tranquilidade de consciência pavorosa. Estamos convencidos de que os reus dos piores crimes, os membros das mais reles quadrilhas de gatuños sentiram repugnância em comportar-se de tal forma. Estes mesmos, em via de regra, calam o nome do traidor que nada tem que ver com outro tribunal senão com o da consciência dos conjurados, dos implicados nos mesmos actos.

Filomeno da Câmara, que os jornais monárquicos pretendem impingir como um exemplo de austeridade respeitável, esse mesmo, o chefe da rebelião que vinha moralizar o país, é o primeiro a tomar o caminho tortuoso da denúncia, não só no tribunal, como em cartas que escreve a jornais monárquicos.

Apreciando estas baixeiras diz O *Correio da Manhã*:

«... mercê da nobreza com que, aos seus julgadores, se têm apresentado os militares implicados na patriótica tentativa de 18 de Abril, o tribunal militar se transformou numa impressionante escola de carácter, que, numa psicologia impulsiva como é a da gente portuguesa, não pode deixar de vincar fundamentalmente uma proveitíssima regeneração das energias morais e uma notável intensificação das faculdades volitivas levando, enfim, a saber querer, quem, por via de regra, só platonicamente sabe desejar.»

A delacção—«escola de carácter!» Quem se sentir com «qualidades» para ingressar nessa escola, que ingresse...

NA CHINA

A nota das potências europeias

PEQUIM, 2.—A nota que as potências vão apresentar à China a respeito dos recentes acontecimentos que se produziram neste país e que prejudicaram os interesses dos seus nacionais, está sendo preparada em Pequim e será provavelmente publicada na capital chinesa.

Duas ou três potências não concordaram com alguns pontos do texto da nota e foi isso que provocou o atraso que tem havido. No entanto crê-se que a entrega do documento mencionado poderá ser feita du-

Labuta-se muitas horas, nos rochedos du- rienses, sob um sol can- dente, por 4\$50!

Crêmos bem que muitos dos leitores de *A Batalha* vão duvidar das verdades que aqui vamos relatar e por isso devemos declarar antes de mais nada que não escrevemos de nenhuma das nossas colônias, onde os negros são tratados como animais de carga com o consentimento de todo o mundo, mas sim da região vinícola do Douro de que a Rede é por assim dizer o coração.

Não há palavras que possam tudo dizer da infame exploração a que cá é submetido o trabalhador rural. Isto por aqui toca as raízes do escárnio, e não é possível que exista cérebro bem formado, capaz de negar o sistema de trabalho aqui em vigor, a propósito de amesquinhar o rural, que a força de pulso obriga esta terra maldita de pedregulho e barro a produzir o famoso vinho do Porto, veneno subtil que é a fortuna detestável dos famintos exploradores que detêm os elementos de produção e a que não podemos chamar lavradores, porque o seu papel é unicamente explorar e nada mais! Explorar o trabalhador a quem obrigam a um árduo trabalho tão mal remunerado que mal lhe chega para o pão, e explorar a própria terra a que nunca vimos juntar um pouco de adubo, aplicar uma máquina que revolventa-lhe as novas energias ou tratá-la enfim pelos modernos processos agrícolas, tendentes a poupar o esforço humano.

Não! Toda a riqueza desta região se deve ao braço do trabalhador que curvado sobre a terra horas seguidas a vai regando com suor, mimoso de quando em vez com as insultuosas palavras do seu explorador que, mãos nos bolsos e a fresca dos seus arvoredos, vai dando as ordens necessárias para que o trabalho não cesse um minuto sequer e o rural largando nas rochas a própria pele, dê o esforço máximo... em troca do proveito mínimo.

Mas deixemos os desvanecidos... Números dizem mais nestes casos do que as palavras embora estas tragam do fundo da nossa alma a rajada de indignação de que somos possuídos!

O trabalhador entra nos vinhedos pouco depois do sol nascer; sai para sua choupana, por ser absolutamente impossível estar mais tempo sob o sol ardente destas paragens, às 13 horas. Trabalha aproximadamente 7 horas seguidas, espaço este a que o explorador chama meio dia de trabalho; e ao fim deste esforço brutal metem-lhe na mão aquilo a que chamam uma libra ou seja 4\$50! Nem tudo são espinhos, porém, para o trabalhador...

A certa altura do trabalho um rapazito traz-lhe por graça, muito para agradecer, do dono da vinha... uma sardinha conservada em sal há mais de um ano e que é devorada pelo trabalhador juntamente com um pouco de borra que ele traz de sua casa!... Nem um pouco de pão o explorador cede para o lauto banquete que é comido no lugar em que o rural está a trabalhar para aproveitar assim todo o esforço da deslocação que representa tempo também...

Das mulheres não é preciso dizer mais de que lhe pagam pelo tal meio dia 2\$ e os «chorados» que nem proveito dão, como elas dizem. Ouvimos já porém que os exploradores desta localidade estão resolvidos a dar-lhes só 1\$50 porque «elas não fazem nada que preste»...

... por hoje nada mais informaremos porque *A Batalha* tem de atender a muitas misérias de muitas outras regiões, embora talvez nenhuma tão necessitada de uma rajada de revolta como aquela de que estamos a escrever e em que a exploração é lei...—*Rede, (Douro), 5-9-25.*

Camilo TEIXEIRA

AS DEPORTAÇÕES

Uma «démarche» das famílias dos deportados

Da Arcada mandam-nos a seguinte nota:

«Uma numerosa comissão de mães, esposas, filhos, etc., dos indivíduos que foram mandados para a Guiné, a fim de ali aguardarem julgamento, procurou ontem o sr. ministro da Justiça cuja interferência pediam, no sentido de que esses indivíduos sejam, quanto antes, mandados regressar à metrópole, a fim de aqui responderem. Aludiram, a fim de as comissões da notícia de alguns desses indivíduos haverem já falecido, dizendo o ministro não ter confirmação de tal. O sr. dr. Augusto Monteiro prometeu transmitir o pedido ao chefe do governo.»

Taxas postais das colônias

Vai ser publicado um decreto, modificando alguns dos portes e taxas das correspondências postais a expirar das colônias portuguesas para países estrangeiros, de harmonia com os novos preceitos estabelecidos na Convenção Postal Universal de Stokolmo.

Um novo invento de Marconi

LONDRES, 7.—O senador Marconi prossegue, com grande êxito, nas experiências do seu novo invento do farol radio-telegráfico rotativo, para substituir os faróis luminosos na protecção e direcção dos navios durante a noite e tempo nebuloso...—(L.).

A guerra de Marrocos

Os rifenhos continuam a atacar violentamente

TANGER, 7.—Os rifenhos continuam a atacar violentamente, procurando furar a linha de batalha e desorganizar a preparação da ofensiva francesa...—(L.).

O valor do Congresso Confederal sob o aspecto do aperfeiçoamento da estrutura da organização

Um dos interessantes aspectos do Congresso a realizar proximamente em Santarém, é o do apuramento estrutural da organização operária.

Ante as mutações constantes do cenário social, as modalidades várias do sistema capitalista, as novas fases que a luta por melhores dias assume, o sindicalismo não pode estacionar. Ele tem que—respeitados os fins a que visa e a orientação que o norteia—ir adaptando-se às conveniências de momento e às circunstâncias que se vislumbram através da previsão sociológica, que lhe garante foros de gestante, num período de transição para a Sociedade Perfeita.

A sua maleabilidade é exercida no sentido progressivo de aquisição da capacidade que bem permita a defesa capaz dos interesses imediatos da grande massa trabalhadora e a sua elevação constante nos sentidos moral, técnico e intelectual, usando das táticas que respeitam a coerência de classe antagonista do existente, de classe que gravita no seu âmbito próprio, sem colaborações comprometedoras com todos aqueles a quem não está ligada por afinidades.

Para nós, trabalhadores, em todo o orbe, só duas forças se degradam, se entrecroçam e buscam prevalecer: os possuidores e os despossuídos; os novos senhores e os modernos escravos; industriais, mercenários, financeiros, políticos, governantes ou para governar, dum lado, e operários, empregados, governados e desejosos de emancipação, do outro.

Sinteticamente estas duas forças estão representadas em dois sistemas opostos: o capitalismo e o sindicalismo; o primeiro caracterizadamente autoritário e o segundo acendadamente libertário. Tirar-lhe estas duas características seria destruí-las, pô-las em colaboração seria desnaturar-lhe os objectivos. E porque entre o patrão e o operário, entre o explorado e o explorador outras relações não podem nem devem existir além daquelas concomitantes ao exercício de profissões e seus derivativos, nos operários, os explorados, porque somos pela desapareção do patronato e do Estado, temos que nos agrupar, constituindo uma engrenagem perfeita quanto possível, homogênea e canalizadora de esforços no sentido de libertarmos-nos.

Organizados os trabalhadores como classe, sob três fins essenciais, um defensivo, outro destrutivo e o terceiro construtivo, é mister que as forças conjugadas resultem a maior soma de benefícios e as forças dispersas se conjuguem para uma maior satisfação dos três referidos objectivos.

E porque caminhamos para um todo perfeito e não podemos ter a veleidade de supormos perfeita a nossa organização—bom é que nos preocupemos em ir constituindo e vitalizando as nossas células revolucionárias.

NA AUDIENCIA DE ONTEM DOS IMPLICADOS NO 18 DE ABRIL o general Roberto Baptista, testemunha de acusação, foi a melhor defesa dos réus...

A quinta audiência abriu às 12,30 horas. O general Ilharco deu ordens severas para que não fosse consentido o borborinho que se notou na audiência de sábado, e que tão escandaloso se tornou. As ordens foram cumpridas, excepto pelos réus, a quem o tribunal continua a não lhes merecer respeito. Mas como não são bolchevistas, os jornais oficiosos acham naturalíssima a atitude dos arguidos perante o juiz auditor.

Finda a chamada dos réus, procede-se ao chamamento das testemunhas, entre as quais faltam os srs. general Vieira da Rocha, teires-coroneis Ferreira do Amaral, Pires Monteiro e Vitorino Guimarães, capitão de fragata Fernando Branco, maiores Valdez e António José Rodrigues.

Em seguida, prestam declarações os elementos civis que são acusados de ter tomado parte no movimento.

Os réus civis António Francisco Duarte, António Anibal Sousa, Alfredo Neves, Alberto dos Santos, António Sequeira dos Santos, António Balbino, Boaventura dos Santos Lino, Casimiro Feliciano Ribeiro e Carlos de Castro Raposo delegaram no seu defensor as alegações que deviam produzir.

O civil Aurélio Augusto Facha, oficial dos correios e telégrafos, nega a sua participação no movimento, em virtude de não lhe ter sido aceite por ser civil.

Francisco Tito Magalhães quer prestar declarações.

O juiz auditor:

—Tomou parte no movimento?

—Não tomei parte, porque os seus chefes não me aceitaram.

—Mas não incitou ninguém a tomar parte na revolta?

—Todos eram de maior idade e vacinados, e não necessitavam que os incitasse.

José Marques da Conceição, José Tavares de Almeida, Joaquim Furtado e João Branco negam a acusação e confirmam os autos.

Vai começar o depoimento das testemunhas. O antigo ministro das Colônias, capitão-tenente sr. Correia da Silva é a primeira a ser interrogada.

Voltando-se para o promotor:

—Posso informar o Tribunal sobre dois factos? 1.º Fazendo parte do governo por ocasião do movimento de 18 de Abril, tive conhecimento pelas minhas funções oficiais, de que tinha estado uma revolta de elementos militares; 2.º. Assisti à chegada do sr. general Sinel de Cordes ao Quartel do Carmo, acompanhado do sr. capitão Pereira Dias.

Outra pergunta. O sr. Correia da Silva responde:

—No meu espírito ficou a ideia de que o general Sinel de Cordes foi ao Carmo esclarecer a sua situação pessoal.

lucionárias. Não basta que duas dezenas de indivíduos dum classe se constituam em associação, alugando e mobilando uma casa e pondo uma taboleta. O ideal é que esse grupo de indivíduos actue no sentido de ter organizada toda a sua classe elevando-lhe a mentalidade revolucionária e coligando-a com todas as outras classes de produção, por afinidades industriais aderindo à respectiva federação, por afinidades económicas à respectiva câmara sindical ou união local e por afinidades revolucionárias e entendimento absoluto levando essa federação e essa câmara ou união a agruparem-se na C. G. T. e na Internacional.

Mas, para que os sindicatos não sejam uns agregados amorfo e o seu amorfismo se não reflita nos corpos centrais da organização, convém pôr em actividade e interesse por si próprios todos os elementos, descentralizando toda a acção sindicalista de forma a que, em respeito pelas suas bases, todo o influxo parta da periferia para o centro.

Tão sentida é já esta necessidade revolucionária que, simultaneamente ao Congresso Confederal, alguns congressos corporativos vão debater teses que visam a aperfeiçoamento de ordem estrutural. Procura-se «à outrance» vitalizar a organização, dotá-la de toda a capacidade torná-la leve nos seus movimentos, garantir à massa agrupada a justa compensação dos seus esforços e sacrificios criando-lhe o espírito de responsabilidade nas suas resoluções. Todos esses trabalhos são unânimes em reconhecer que a organização dos trabalhadores deve começar nos locais de produção, constituindo as delegações ou comités de pequenas oficinas, ateliers, obras, trabalhos agrícolas, etc., e os conselhos de fábricas, minas, empresas, construções, redes de comunicação e transportes, etc.

Oxalá que todos os que constituem a parte mais activa do operariado organizado se apercebam do grave momento que atravessamos, e se predisponham a—ainda que com sacrifício—contribuir para a materialização destes objectivos.

Será fazer obra revolucionária, e da melhor; pois convencidos previamente estamos de que, se conseguirmos—e porque não?—passar da teoria à prática, moldando a dinâmica sindical em pequenas células activas, cujas forças conjugadas se encontrem nos sindicatos e seus múltiplos, teremos dado um bom passo contra a perniciosa crise de indolência que tem afectado as nossas fileiras.

Uma condição, porém, se nos impõe: ao buscarmos agrupar o maior número, não devemos esquecer a qualidade a possuir por todos os trabalhadores organizados, orientando-os no sentido mais coerente e mais honesto com a nossa situação de explorados—o sentido libertário.

Sempre foi assim, e agora mais do que nunca...

Estes católicos...

Estes católicos, com as suas manias de santidade, cobrem com o seu manto de pureza todas as infâmias. Todo o seu trabalho se cifra em atrair as doutrinas cristãs, dizendo que as cumprem. Lá vinham as Novidades solidarizando-se com os jornais que tentam encobrir a escravatura que os portugueses exercem em Africa.

Não nos admira a atitude do órgão católico. Se os padres missionários nas colônias portuguesas, calam e encobrem os crimes que os brancos lá praticam; como poderia o seu órgão na imprensa assumir atitude diversa dos missionários? Se Cristo resuscitasse estes bons católicos seriam capazes de vendê-lo por dez dinheiros...

Coisas nossas...

O operário Rufino dos Santos, rua dos Remédios, veio ontem mostrar-nos, num copo, a qualidade da água que em sua casa se consome e que é fornecida pela companhia Carlos Pereira. Tivemos então ensejo de observar as impurezas que ela contém, pois reúne um número grande de detritos que certamente grandes perturbações internas ocasionarão a quem tiver que a ingerir. Atribua aquele operário à falta de limpeza na respectiva canalização o facto da água ser viscosa e impura.

Como apenas a água de Andaluz traz preocupadas as entidades competentes, a população de Lisboa pode envenenar-se porque isso pouco importa...

Um triunfo

Dissemos há dias nestas colunas, das condições de trabalho dos operários do Matar do Municipal, condições verdadeiramente vergonhosas para uma dependência da Câmara Municipal. Tão justos foram os nossos comentários que o vereador do pelouro respectivo mandou já proceder à construção dum balneário, dum vestiário e dum refeitório, cujas obras prosseguem com toda a actividade. Também à comissão do pessoal foi prometido que seriam fornecidos em breve uns fatos apropriados para o exercício da sua função. Oxalá que não fiquem apenas em promessas aqueles fatos que em boa lógica de há muito deviam ter sido fornecidos.

No Japão

Uma violenta explosão de grisu

TOKIO, 7.—Em consequência dum explosão de grisu numa mina de Penziary, morreram 150 mineiros...—(L.).

munha sobre uma pretendida delinquência feita pelo sr. Raúl Esteves junto do sr. presidente da República. O general Roberto Baptista nada adianta, dizendo ter vindo ao tribunal depor sobre factos concretos e não para interpretar a defesa que o sr. Cunha Leal está fazendo.

A próxima audiência efectua-se amanhã e a ela devem comparecer as testemunhas de acusação já convocadas.

Acaba de falecer em Londres Warlaam Tcherkesof um velho com- ponente da I Internacional

Faleceu em Londres no dia 18 de Agosto findo Warlaam Tcherkesof, um dos poucos sobreviventes da Primeira Internacional, e um dos mais velhos lutadores do movimento comunista-libertário.

Nasceu em 15 de Setembro de 1846 na Geórgia (Caucaso), e destinado à carreira militar, ele foi implicado no movimento nihilista, e encarcerado na fortaleza de Pedro e Paulo desde 1866.

Em 1873, após quatro anos de prisão, foi deportado por toda a vida para a Sibéria, donde se evadiu em 1876.

Em 1879 viveu em Genebra e em Paris, onde se relacionou com Kropotkin, Reclus e Malatesta, tendo tomado parte na fundação do jornal *Revoltado*. Em seguida ao assassinato do tsar Alexandre II, foi expulso da França.

Passou a última parte da sua vida em Londres, onde fazia parte do grupo anarquista «Freedom».

Quando rebentou a revolução voltou à Rússia, e após o golpe de estado bolchevista, dirigiu-se à Geórgia, onde assistiu algum tempo mais tarde, à invasão do exército vermelho, acompanhada de execuções em massa e da pilhagem em regra. Teve de fugir para a Europa, para escapar às perseguições.

O fim da sua vida foi entristecido pelos tratamentos bárbaros infligidos no seu país natal, e aos revolucionários em geral pelo governo de Moscúvia. Morreu esperando a libertação do seu país.

Deve-se a Tcherkesof duas brochuras que espalhadas a todas as línguas: *Páginas de História Socialista* (1896) e *Percursos da Internacional* (1899). Foi ele quem chamou a atenção para a semelhança estranha do célebre manifesto comunista de Carlos Marx e Engels com os «Princípios do Socialismo» de Considérant, aparecidos alguns anos mais cedo.

Notas & Comentários

Dr. Brito Camacho

O dr. Brito Camacho, inteligência scintilante, cérebro culto e lúcido, resolveu abandonar a política. É uma resolução acertada. Admira-nos que o brilhante escritor e jornalista tivesse tomado essa resolução tão tardamente, e só agora tivesse feito estas reflexões que recorramos do seu manifesto despedida dirigido aos seus eleitores:

«A política? É um negócio. A arte? É um comércio. A disciplina? É uma tradição esquecida. O patriotismo? Um pretexto para festar!»

Sempre foi assim, e agora mais do que nunca...

Estes católicos...

Estes católicos, com as suas manias de santidade, cobrem com o seu manto de pureza todas as infâmias. Todo o seu trabalho se cifra em atrair as doutrinas cristãs, dizendo que as cumprem. Lá vinham as Novidades solidarizando-se com os jornais que tentam encobrir a escravatura que os portugueses exercem em Africa.

Não nos admira a atitude do órgão católico. Se os padres missionários nas colônias portuguesas, calam e encobrem os crimes que os brancos lá praticam; como poderia o seu órgão na imprensa assumir atitude diversa dos missionários? Se Cristo resuscitasse estes bons católicos seriam capazes de vendê-lo por dez dinheiros...

Coisas nossas...

O operário Rufino dos Santos, rua dos Remédios, veio ontem mostrar-nos, num copo, a qualidade da água que em sua casa se consome e que é fornecida pela companhia Carlos Pereira. Tivemos então ensejo de observar as impurezas que ela contém, pois reúne um número grande de detritos que certamente grandes perturbações internas ocasionarão a quem tiver que a ingerir. Atribua aquele operário à falta de limpeza na respectiva canalização o facto da água ser viscosa e impura.

Como apenas a água de Andaluz traz preocupadas as entidades competentes, a população de Lisboa pode envenenar-se porque isso pouco importa...

Um triunfo

Dissemos há dias nestas colunas, das condições de trabalho dos operários do Matar do Municipal, condições verdadeiramente vergonhosas para uma dependência da Câmara Municipal. Tão justos foram os nossos comentários que o vereador do pelouro respectivo mandou já proceder à construção dum balneário, dum vestiário e dum refeitório, cujas obras prosseguem com toda a actividade. Também à comissão do pessoal foi prometido que seriam fornecidos em breve uns fatos apropriados para o exercício da sua função. Oxalá que não fiquem apenas em promessas aqueles fatos que em boa lógica de há muito deviam ter sido fornecidos.

No Japão

Uma violenta explosão de grisu

TOKIO, 7.—Em consequência dum explosão de grisu numa mina de Penziary, morreram 150 mineiros...—(L.).

munha sobre uma pretendida delinquência feita pelo sr. Raúl Esteves junto do sr. presidente da República. O general Roberto Baptista nada adianta, dizendo ter vindo ao tribunal depor sobre factos concretos e não para interpretar a defesa que o sr. Cunha Leal está fazendo.

A próxima audiência efectua-se amanhã e a ela devem comparecer as testemunhas de acusação já convocadas.

O PADRE PENSA o padre resolve, o padre manda na «Samorense» e em Samora Correia

O proprietário Manuel Birrento, que em nada depende da *Samorense*, mas que por um inexplicável atavismo, vê ainda no pontado a única razão de existência desta terra infeliz, mandou, há tempo, uma pequena porção de bom trigo, limpo e seco, à moagem, para que lho reduzissem a farinha.

A mulher, ao ver a farinha, afirmou logo que ela era de péssima qualidade; bastava o cheiro. Depois quando se dispôs a amassá-la teve a confirmação das suas apreensões. Não havia forças capazes de a tornarem em massa homogênea e panificável.

E o pão... o pão, se é que podia chamar-se pão aos blocos de matéria escura que daí resultaram, ninguém o podia tragar.

Foi o Birrento fazer a sua reclamação ao escritório da empresa. Reclamação respeitosa, amiga, porque tinha receio de que o padre se zangasse, e fôra ele próprio quem lhe mandara debulhar o trigo, de graça, reservando-se, certamente, para se cobrar na troca de bom trigo, por farinha pódre.

Foi recebido pela gerência, que ao ver a tal espécie de pão exclamou:

—Então que tem o pão? Não é bom, não é saboroso?

—Ninguém o pode comer!

—Qual? Por ser um pouco escuro? Os senhores é que são os culpados! Não querem senão trigos rijos...

E neste desígnio para ali uma enorme meada de sabença trigueira, atribuindo as culpas ao trigo, sómente ao trigo.

—Eu gosto até muitíssimo deste pão caiseiro...

E um gesto de magnanimidade, disse:

—Tu não gostas, Vicente?

—Ora essa! Sou doído...

E os dois, fazendo enormes esforços de deglutição, obrigaram aquela massa escura a percorrer-lhes os esófagos, indo-se alojar nos estômagos já afeitos a muitas porcas como aquela. Mas o homem, a pesar da dolorosa prova de resistência e adaptação ao meio, não deixou de repetir a reclamação e de tentar o possível para que lhe atendessem. E atenderam-lha. Deram-lhe outra farinha menos pódre um pouco e parece que sem bichos.

E foi para isto que o Padre Tobias tanto recomendou ao empregado Lino, encarregado da farinha—que fosse solícito na repressão de qualquer fraude que nosse por parte dos moleiros; que visse bem o que eles faziam, porque queria que os clientes da fábrica dali saíssem sempre plenamente satisfeitos.

Para quê tantas recomendações, se ali não se faz manigância ou tráficação alguma que não seja por sua ordem expressa?

Então nós não sabemos que esteja o padre onde estiver, é a sua vontade soberana e absoluta que ali impera? Não tem ele lá o seu «fac-totum», que, desde as 6 da manhã até às 6 da tarde se sente padre por cima, por baixo, pela frente e por detrás?

Não é ele padre quando compra, quando vende, quando empresta, quando aluga quando ajusta, quando repreende, quando castiga e quando insulta?

Não usa ele até, como estribilho, a imutável frase—o prior pensa... o prior diz... o prior quer... o prior faz... o prior mandou...?

Ele é prior por dentro e por fora. Não usa coroa nem volta e casou à face da igreja; de resto...

E' por isto mesmo que o colosso é regido apenas pela possante batuta do padre Tobias e isso nota-se logo, ao ouvir-se cá fora a desafinada orquestra de assobios do pessoal operário. Os outros que lá se encontram são apenas comparsas naquela grande comédia que, para o povo de Samora Correia, é uma autêntica tragédia.

São as manifestações do absolutismo reinante nos nossos tempos; e, como manifestação de absolutismo, é para nós simplesmente odiosa, simplesmente repugnante, a tal *Samorense*, que nos não quiz dar o emprego que em tempos lhe pedimos.

Um colosso que vive da exploração do povo; e a comprová-lo ali estão os milhares de contos ganhos à custa da miséria daqueles com cuja submissão ainda se atrevem a brincar.

Eles supunho que a besta de carga não será capaz de se revoltar um dia, e de olhos em sangue, erguer nobremente a cabeça e dizer o terrível—«agora nós»—que ha-de fazer tremar muita potestade?

Quanto se enganam!

Portugal, a pesar de pequeno, fraco, envilecido por tantos séculos de submissão, é um país scioso dos seus direitos e das suas liberdades; e disso tem dado provas em muitas ocasiões. Não tem sido das terras mais ingratas para a sementeira da Liberdade; e, um dia, quando menos se esperar, o velho leão do ocidente ha-de erguer-se e será terrível o seu sacudir de juba.

E' que o povo ainda não pensou no que vale, no que pode.

Foi o povo que construiu as estradas, os caminhos de ferro, os automóveis, os navios e os aviões. Foi o povo que rompeu e fecundou a terra com o seu bento suor. Foi o povo que construiu as cidades onde os ricos se aborrecem, colocando nelas as ridentes praças, os jardins verdejantes, os cómodos palácios; mas não foi o povo quem se aproveitou de tudo isto.

O povo faz, o povo produz, o povo constrói, o povo semeia; mas só o magnate desfaça, consome, destrói e colhe. Para uns o trabalho; para outros os réditos dele. Para uns o suor, a pobreza e a miséria; para outros, com os mesmos direitos, o conforto, a riqueza, o comodismo, sem nunca chegarem a saber quanto custa obter, sobre uma mesa, um pedaço de pão, ainda que ele seja tão negro como o da *Samorense*.

Temos confiança absoluta em que, no dia em que o professorado quiser abrir os olhos ao povo, por meio de uma propaganda tenaz e constante baseada em factos, moldada na justiça, adeus potentados, adeus colossos, adeus tiranetes.

O povo ha-de despertar.

E' que ainda se não sabe em Portugal que o país é mais alguma coisa do que Lis-

A ACTUALIDADE NO ESTRANGEIRO

NA ÍNDIA

A Inglaterra envenena o povo

Na sessão realizada em Genebra pelo Comité de Opio da Liga das Nações, Nihal Singh, publicista indio, descreveu a situação miserável em que se encontram os trabalhadores da Índia em consequência do envenenamento lento produzido pelo ópio, e lançou a responsabilidade inteira deste mal sobre a Inglaterra.

Em Assam, nas plantações de chá, há mais de dez mil pessoas mergulhadas na mais extrema miséria por causa deste vício, introduzido propositalmente pelas autoridades para dominarem melhor os trabalhadores.

Segundo o testemunho da mulher do governador de Bombaim, 98% das mulheres empregadas nas fábricas de tecidos dão ópio aos seus filhos antes de ir para o trabalho, conseguindo, com muita facilidade, comprar aquele veneno em estabelecimentos existentes próximo das fábricas.

Martirizando os presos

Segundo um relatório do comité nomeado pelo governo de Punjab, Índia, para investigar o que se passava nas prisões, soube-se que eram ali maltratados os presos pelos carcereiros com o fim de lhes extorquir dinheiro.

Mal os presos entravam nos cárceres eram logo espancados e aterrorizados, até que, cheios de medo, se sujeitavam a todas as extorções, passando a pagar mensalmente aos seus carcereiros uma determinada quantia.

As declarações do referido comité foram confirmadas pelo juiz de Multan.

Lala Lajpat Rai, o velho chefe dos nacionalistas de Punjab e do movimento operário indio, ofereceu a sua cooperação ao governo para que seja reformada a administração das prisões.

EM ESPANHA

Mais um fiasco do Primo de Rivera

Todos devem estar lembrados que Primo de Rivera procurou por todas as formas formar uma União patriótica espanhola que deveria corresponder ao partido fascista italiano.

Afinal o chefe do Directório, não conseguiu os seus «patrióticos» desejos.

Nem com a promessa de que deixaria o governo espanhol nas mãos da União patriótica quando esta ficasse constituída, pôde obter aderentes.

O que se passa na Catalunha, a este respeito, é característico.

O capitão geral de esta provincia, Barre-ra, fez um apelo ao público, sem conseguir que este saísse da sua indiferença.

Em Girona, depois de muito trabalho, conseguiram criar um grupinho da União, mas os seus membros degladiam-se continuamente, chegando a enviar cartas anónimas uns aos outros.

Foi o próprio general Urquiza, governador de Girona, que trouxe a público estes factos verdadeiramente vergonhosos e ridículos.

Primo de Rivera procurou reagir aceitando a presidência da União e anunciou que andava procurando capitais para constituir um grande jornal *A Nação*, mas os espanhóis não querem saber de histórias.

Foi um fiasco completo.

INSTRUÇÃO

Exames dos alunos matriculados nos cursos da Associação dos Empregados de Escritório

Terminaram no sábado último, na Associação de Classe de Empregados de Escritório, os exames dos alunos matriculados nos cursos de Português, Francês, Inglês, Contabilidade e Escrita, regidos pelos professores António Joaquim Pinheiro Dias, Artur Santos e José Martins Pinheiro. Foram realizadas 23 aulas e uma aula, de que resultaram 18 aprovações e 5 distinções. A convite do Corpo Docente desta Associação tomaram parte nas respectivas mesas de Juri as Comissões de Serviços Profissionais e de Educação, recentemente criadas, as quais verificaram com satisfação os bons êxitos obtidos pelos alunos durante o ano lectivo 1924-25.

Um desaparecido

Na passada quinta-feira saiu de sua casa um homem desaparecido e desconhecendo-se-lhe o paradeiro, o trabalhador marítimo Jerónimo da Encarnação. A família, aflita, pede a quem dele saiba o favor de lho comunicar. Aparenta ter 50 anos, veste pobremente, fato de cotim e calça alpargatas.

Uma manobra infeliz

Um automóvel para se desviar de dois eléctricos saltou sobre o passeio, colidindo várias pessoas.

Vindo dos lados de Algué seguia a noite passada em direcção a Lisboa, o automóvel 5 4204, o qual ao passar em Belém, para se desviar de dois eléctricos, saltou para sobre o passeio, onde se encontravam várias pessoas aguardando a passagem de carros, tendo sido colididos pelo veículo, Maria Lopes, de 21 anos, natural de Gouveia, ovari-na, seu marido Carlos Maria Cunha, vendedor de jornais, residentes na travessa dos Inglesinhos, 12, e Joaquim de Oliveira, de 13 anos, morador na calçada de Arroios, 30, loja. Conduzidos no mesmo automóvel ao posto da Cruz Vermelha do Calvário, foram ali pensados pelo enfermeiro Tomás Pedreiro, recolhendo depois, a primeira que apresentava fractura da perna direita, a enfermeira n.º 4 do hospital de Arroios e tendo os restantes, que ficaram feridos nas mãos e cabeça, seguido para casa.

boa e pôto; e por isso, ao passo que a sementeira de ideias progressivas e generosas que hão de redimir o povo, se limita às ruas de Lisboa, a Provincia jaz acorrentada, enfeudada ao padre e ao magnate da fábrica ou da agricultura, do comércio ou da finança, sem ter tido ainda que lhe indique que o oriente há-de desmontar um novo sol que a todos trará uma luz igual, porque a sua luz não haverá nem grandes nem pequenos, mas apenas homens livres que, de bom grado, ofereçam a sua força, a sua inteligência e o seu trabalho para o bem comum, que é o fim legítimo da nossa existência.

Serra FRAZÃO

CARTA DO PORTO

Pela celeberrima Companhia Vinícola do Norte de Portugal

Um sádico receiro que persegue e castiga as mulheres que resistem às suas indecorosas propostas

Ainda não há muito tempo que terminou o conflito da Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal e já se está em vésperas de uma nova sublevação.

Agora a questão decorre na secção das mulheres, isto é: com o pessoal feminino da lavagem do vasilhame.

O carrasco que está presentemente a provocar um forte levantamento de indignação, é um tal Francisco de Campos, uns restos dejectivos do famigerado Francisco Pinto Moreira.

Aquele verdugo «franciscano» tratou, primeiro, de se arvorar em *D. Juan* ou *Barba Azul*. Assim, todo cheio de embôfia, dando-se ares de galante e irresistível conquistador, «renta» as suas subordinadas mesmo dentro da secção, pouco se lhe importando que sejam casadas ou solteiras, honestas ou levianas. Se a sua habili-dade *Donjuanesca* lhe sai frustrada, então, enraivecido, cogita vinganças de Landru: persegue-as, castiga-as, demite-as...

Assim, há tempos, o tal Francisco Campos, capataz das mulheres, deliberou perseguir uma operária casada desde a saída da Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal — um de cujos directores é o s.º sr. Manuel Pestana — até um ponto bastante distante. Chegou a agarrá-la, a ver se a convenia melhor à prática do adultério. Como, porém, a operária ponderou o peso das responsabilidades e não se resolveu a abandonar o campo da honra conjugal, resistindo aos caprichos do sádico, o Campos jurou fazer incidir sobre ela toda a influência do seu ódio jesuítico...

No dia seguinte, tanto andou em cima dela, que sempre a castigou inexoravelmente: a vítima nunca mais voltou a exercer o seu mister na companhia, a pesar-dela ter protestado a sua inocência e de demonstrar, portanto, que fora alvo duma patifaria traiçoira por não se querer sujeitar aos seus intentos desonestos...

«Que diz a isto o «casto» sr. Manuel Pestana da Silva? Certamente, é a semelhança do seu deus quando «criou» o mundo, acha que tudo aquilo é muito bem feito...

Na histórica, célebre, Real Companhia Vinícola trabalha um número superior a 70 mulheres. Pois para este pessoal todo existe apenas uma sentina, onde podem ir duas mulheres por cada vez e mediante uma chapa dada pelo carrasco do Campos.

Se, porém, alguma operária se vir mais apertada e pedir para sair sem chapa a satisfazer as suas necessidades a qualquer outro sitio mesmo fora da Companhia, para que não digam que... é para ela, é-lhe imediatamente negada a licença até se exprimer involuntariamente...

Alá, daquela que se queixe não poder, às vezes por horas e enquanto não chega a sua vez, suportar por mais tempo as «contrações» intestinais: imediatamente multada, suspensa ou demitida... Quem lhes manda ter vontade... defecatória? Que façam esse serviço em casa. A sentina «única» para mais de 70 operárias chega de sobra, porque o capataz Francisco de Campos tem carta branca para fazer o que lhe apetece...

Quando o sobra pretende fazer mal a alguma mulher, manda-a ao chefe da repartição com um bilhete, onde acusa a perseguição de se ter demorado 10 ou 15 minutos na *releite*, ou de ter partido, por descuido, uma garrafa, embora ela já viesse de outras partes em mau estado, em vias de se «escachar» no momento da lavagem...

O chefe da repartição não averigua da veracidade da acusação feita, velhacamente, à operária número tal ou qual — e eis que ela é carregada com 2 ou três dias de castigo... Pelo que se constata que o chefe da repartição tem cumplicidade, até certo ponto, nas atirabilidades régulas do Francisco Campos...

Como, porém, não baste as estúpidas «rentadelas» do Campos para prostrá-las operárias, como não cheguem as perseguições e os castigos contínuos que quasi diariamente se vão abusivamente cometendo — a Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal, dos Manuel Pestana da Silva, Sousa Pinto e Francisco Pinto Moreira, resolveu agora, por por empreitada as mulheres que trabalham na lavagem das garrafas, impelindo-as a um serviço extenuante e inconsciente. De hoje para o futuro, é que a colheita dos castigos vai ser abundante...

Para maior cúmulo foi colocada uma taboleta, sendo obrigadas todas as operárias que não são de todo analfabetas a lê-la...

Lá diz que todas aquelas que partam uma garrafa — mesmo no seu ofício — serão irremediavelmente punidas conforme a vontade dos receiros...

«Isto é ou não uma rateira?» Como a citada taboleta e a empreitada são coisas novas na casa, algumas operárias protestaram, com razão, que aquela situação é desumana, contra a qual se devia opor uma resistência tenaz.

Resultado: foram logo castigadas, principiando a vigorar o mais rigoroso regime de terror: na secção da lavagem das garrafas nenhuma desgraçada tem o direito de esboçar o mínimo queixume, porque lhe é apontado, inquisitorialmente, o olho da rua...

Este é o estado real da Real Companhia Vinícola do «santo», do puro, do cavalheiro sr. Manuel Pestana da Silva.

«Mas até quando, ó escravizadores da Companhia dos Coutos?» C. V. S.

DESPORTOS

Sapadores Atlético Club

Nun encontro amigável entre os «Infantes» deste Club e do Sporting Club «Os Invisíveis», realizado no Campo de Portugal, foram «Os Invisíveis» derrotados por 3 a 0. A linha dos Sapadores era a seguinte: Henrique Alves, J. Sanches, Henrique de Almeida, José dos Santos, António da Costa, Hercúlo de Oliveira, Francisco dos Santos, Alberto da Cruz, Luís Furtado, Eduardo dos Santos e Manuel Dias.

Na Penitenciária de Coimbra

estão-se cometendo graves imoralidades com o consentimento do próprio director

COIMBRA, 3. — O que se está passando na Penitenciária desta cidade é bem digno da moral e estrofo do seu director José Miranda e seus apauanados.

É revoltante o que ali se passa! Há muito tempo que o sr. José Miranda, na qualidade de director, que se julga ele só dono, daquele edificio, que nos parece ser do Estado, deu ordens terminantes, para que as famílias dos empregados ali de serviço não possam ultrapassar os limites da secretaria, para que nunca pudessem comunicar entre si e os presos. Até este ponto, não deixaria de estar certo, se não fora o que passamos a expor e que damos licença ao sr. Miranda para fazer o desmentido, se é capaz...

«Preciso notar que a ordem do sr. Miranda não foi extensiva a todos os seus empregados, visto que ao guarda Amaro Bento, que no desembrismo desempenhou ali o papel de excelente trauliteiro, este pândego pôde cultivar a maior parte e melhor terreno da cerca da cadeia, pôde ter uma capoeira com toda a espécie de criação, que sustenta com as sobras do rancho dos presos, as quais estão arrematadas, vindo por este facto a ficar roubado o seu arrematante. O que é verdade, é que este figura é meio dono da cadeia, de encontro a todos os preceitos regulamentares, podendo todos os dias e a todas as horas, empregar no seu trabalho os presos que lhe der na real gana, sem que lhes pague o produto do seu trabalho. Este cavalheiro, de encontro à celebrada ordem do seu director, pode levar a mulher, filhos e até estranhos, percorrendo a cadeia por todos os cantos, entrando até nas celas de alguns dos empregados entrar na cadeia! Até este ponto ainda dá certo, porque José Miranda e Amaro Bento entendem-se... visto que são correligionários... O que não dá certo, é que um cidadão, que do pelo nome de Trigueiros, que se diz democrata... filiado no P. R. P., seja também meio dono da cadeia, isto por obra, graças do sr. Miranda e... espírito santo. Mas, o que mais repugna, é a moral deste cidadão, como os leitores vão ver. Antes de mais nada direi que os falsos republicanos são aqueles que actualmente disfrutam os melhores e mais chorudos lugares da República.

Este cidadão, desempenha ali as funções de chefe dos guardas, como guarda de 1.ª classe, isto contra o regulamento do funcionalismo público, visto que há ali colegas que como republicanos sinceros, nem se lhe podem comparar e a antiguidade é um pósto em toda a parte. Mas, é este que caiu nas boas graças do sr. Miranda, porque sendo um falso republicano, mesmo assim, ainda o pode vir a salvar de uma pavorosa, que há de vir cedo ou tarde. O diabo é se um e outro se enganam no jogo...

Vamos ver o quilate do cidadão Trigueiros... Este cidadão... que também cultiva uma grande parte do terreno da cadeia, todos os dias vai a frente de um rancho de pretos — ou presos — cultivar a sua horta, fazendo-se acompanhar da sua esposa e pequenas da sua amizade. Até este ponto, está tudo muito certo... mas o que não está certo é que vai de encontro à ordem do seu director, porque estas criaturas estão em contacto bem directo com os presos.

Os srs. Miranda, Trigueiros, Amaro Bento & C.ª sabem muito bem que ao infeliz preso, desde que ali deu entrada, nem sequer lhe é permitido dar um beijo no apêto de mão aos seus entes mais queridos. Aqui têm os leitores um bocadinho do grande luxo que é disfrutado pelos presos da Penitenciária de Coimbra, em virtude do que todos êles, mais dia menos dia, irão parar ao cemitério do Alto da Coudade.

A célebre ordem de José Miranda é fielmente respeitada por todos os seus empregados, com excepção dos dois «ilustres» senhores que julgam ser sua a cadeia e não do Estado.

Estes casos deixam de ser imorais para serem autênticos crimes.

Porque não se permitem as visitas aos presos, embora com uma rigorosa fiscalização? O processo de visita que actualmente se usa é desumano e por isso deve acabar, tanto mais que com tal facto a disciplina não poderá ser alterada.

Teríamos muito que dizer sobre este ponto, mas como queremos ser um pouco económicos reservamo-nos para outra ocasião, não deixando, no entanto, para finalizar hoje, de dizer aos cavalheiros que atraz nos referimos, que ponham termo a essa espécie de recreio com a desgraça dos presos, podendo escolher outro local mais pitoresco — embora menos rendoso...

Coimbra, 3 | 9 | 1925.

Um camarada.

António MAGINA

OS QUE MORREM

Júlio de Oliveira

Na sua residência faleceu ontem o sr. Júlio de Oliveira, cujo funeral se realiza hoje, às 15,30 horas, saindo da Costa do Castelo, 96, 3.ª para o Alto de São João.

Maria Ferreira dos Santos

Faleceu, ontem a sr.ª Maria Ferreira dos Santos, mãe de Carlos António de Carvalho. O seu funeral realiza-se hoje, às 17 horas, saindo da rua Sabino de Sousa, 116, para o cemitério oriental.

Joaquim de Oliveira Filipe

Em Coimbra, faleceu Joaquim de Oliveira Filipe, pai do nosso camarada António de Oliveira Filipe, tipógrafo do jornal *O Dia*. Pelas boas qualidades de que era possuído a sua falta faz-se sentir.

Teodoro Acácio Carreira

Faleceu ontem, pelas 5 horas da manhã, após doloroso sofrimento o apontador de 2.ª classe dos edificios públicos, Teodoro Acácio Carreira, filho do sr. Alfredo Jaime Carreira e irmão de Júlio Augusto Carreira, funcionários públicos.

A Associação de Classe dos Mestres e Operários das Obras dos Edificios e Monumentos Nacionais resolvendo prestar-lhe homenagem convida os seus associados, como todas as pessoas das relações do finado a incorporarem-se no funeral que se realiza hoje, pelas 15 horas, da Rua da Guiz, 43, 1.ª para o cemitério do Alto de S. João.

No Instituto de Medicina-Legal realizou-se ontem a autopsia de Joaquim António Pereira, de 32 anos, pintor, natural da Guarda e residente na rua das Madres, o qual apareceu anteontem a boiar à tona de água em frente do cais da Ribeira Nova.

Verificou-se que a causa da morte foi: «Congestão encefálica pulmonar ramal epática (possivelmente submersão)».

O seu funeral realiza-se hoje, pelas 15 horas, para o cemitério da Ajuda.

Um documentário

Elegâncias Parisienses

A sala de espectáculos mais arejada e confortável de Lisboa

Francês sem mestre

por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 paginas 15\$00

Pelo correio 16\$50.

Pedidos à administração de «A Batalha»

Um documentário

Elegâncias Parisienses

A sala de espectáculos mais arejada e confortável de Lisboa

Francês sem mestre

por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 paginas 15\$00

Pelo correio 16\$50.

Pedidos à administração de «A Batalha»

A II Festa do Fado

A forma como decorreu, não prova a degenerescência da trova popular

É de lamentar que eu tenha de responder a duas criaturas que bastante considero, mas que neste caso estão deslocadas da razão. Nogueira de Brito e Jesus Peixoto foram infelizes, um pela crítica parcial e contudente que fez, e outro pela falsa concepção que tem do fado. Foi um dos espectadores da festa do fado, por isso me considero atingido por estes dois camaradas, pois enquanto um me diz que beberri-co a altas horas outro afirma que ando de adegas em adegas a ouvir cantá-lo.

Peixoto diz que o fado é próprio das tabernas e que arrancá-lo deste meio e um erro.

Certamente este camarada anda aliheado da acção dos que têm empregado o melhor do seu esforço na defesa do fado, trazendo-o para lugares mais dignificantes, servindo-se até dele para propagar uma organização social mais perfeita.

Mentiríamos a nossa consciência se negássemos os benefícios que o fado tem realizado neste sentido. Estou mesmo convencido que Peixoto ao fim de ouvir cantar o fado Maria Vitória, Adelina Fernandes, Júlia Mendes e tantas outras gargantas privilegiadas, não teria a opinião do momento em que escreveu o artigo que deu origem a estas linhas. Não gosta do fado na taberna? Também nós não gostamos, mas isso não é motivo para o exacerar duma forma tão acinosa.

Direi mais a Peixoto que não sou devoto de Baco, conquanto não seja muito instruído, e no entanto fui à festa do fado, por lá vendo, também, muita criatura que, se não pertenciam à sociedade da temperança, nem eram bonzos da Academia, são, no entanto, pessoas dignas que merecem epítetos mais suaves. Mas aqui não é campo propício para a defesa do fado.

Temos um jornal da especialidade que certamente não rejeitará a nossa colaboração no caso de persistir amesquinhando o fado.

Sobre a crítica que Nogueira de Brito fez do espectáculo, devo dizer que me surpreendeu bastante, pois a forma como êle decorreu dava margem, sem grande esforço, a escapelisar os actos de certas empresas para que exploram o público se servem de mil e um ardis.

Sou daqueles que protestaram contra a má organização da festa conquanto não pertença ao número dos que beberri-cam a altas horas e proferem grossarias à luz de ramaia do Capelão como se desprende da crítica. Lamento até que Nogueira de Brito, a quem aliás reconheço competência de sobrejo, fizesse uma crítica daquela ordem, pouco faltando para fazer o elogio a uma coisa que pode ser tudo menos uma festa do fado.

Confesso que fiquei com a impressão de que a festa foi um belo negócio para os exploradores do fado e não uma apoteose sincera e desinteressada da bela canção.

Os campos, que por sinal nada tinham de campos, pois um espectador que estava a meu lado, que veio de Vila Franca de propósitos, afirmou serem sapateiros, alfaiates e de outras profissões, deram-nos uma fraca ideia do fandango.

O Barão foi feliz com o seu humorismo, o mesmo não sucedendo a Alfredo Marce-neiro a quem não deixaram concluir a can-tada. Enfim, se apreciarmos na generalidade, o recheio do espectáculo, constatamos que, o que agradou foi a música, Varela com a sua competência, o episódio de Boto e pouco mais.

Quanto ao resto podem ser números muito apreciáveis numa modesta sociedade de recreio, mas nunca numa casa de espectáculos de tão gloriosas tradições como o São Luís. Se atendermos ainda a que os preços dos bilhetes não compensaram a boa vontade de quem lá ocorreu e ainda a falta de elementos que constavam do programa, tais como a ausência do professor de guitarra João Camilo e de João Maria de Anjos, havemos de concordar que a 2.ª festa do fado deixou poucas saudades aos verdadeiros amantes da Canção Nacional, o mesmo não podendo dizer os seus promotores, pois certamente arrecadaram fartos lucros.

A contrastar com a opinião do crítico, quando afirma que os espectadores beberri-cam a altas horas, temos o silêncio quase sepulcral que se notava, quando o admirável solista bandolista da trupe Gounod nos maravilhou com a sua prodigiosa execução. Esta atitude, só por si, demonstra a parcialidade com que o crítico procedeu.

ACREDITA:

A fraqueza, geral, a tuberculose, a anemia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico só têm um inimigo poderoso

NUCLEO CALCINA

TÓNICO ENERGICO E SCIENTIFICO

Usado pessoalmente pelos nossos primeiros médicos

Superior a todas as imitações nacionais e estrangeiras

LISBOA: LABORATÓRIOS DA SERRA (SERRA SERRA) Praça dos Restauradores, 18

EDEN TEATRO

A MANHÃ DEFINITIVAMENTE

Duas sessões às 8 3/4 e 10 3/4

Primeiras representações da revista de género popular em 2 actos e 12 quadros

FREI TOMAZ OU O MISTÉRIO DA RUA SARAIVA DE CARVALHO

Original de Eduardo Fernandes (Escalápio) e Carlos Ferreira, música de Alves Coelho e Raúl Ferrão — Direcção artistica de Henrique Santana

A distribuição da peça e acessórios vão indicados nos respectivos cartazes e programas

EDEN TEATRO

A MANHÃ DEFINITIVAMENTE

Duas sessões às 8 3/4 e 10 3/4

Primeiras representações da revista de género popular em 2 actos e 12 quadros

FREI TOMAZ OU O MISTÉRIO DA RUA SARAIVA DE CARVALHO

Original de Eduardo Fernandes (Escalápio) e Carlos Ferreira, música de Alves Coelho e Raúl Ferrão — Direcção artistica de Henrique Santana

A distribuição da peça e acessórios vão indicados nos respectivos cartazes e programas

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Reciames

É amanhã que, definitivamente, sobe à scena no Eden-Teatro, afinada completamente, sem mais adiantos, a nova revista «Frei Tomaz» ou «O mistério da rua Saraiva de Carvalho», original de Eduardo Fernandes (Escalápio) e Carlos Ferreira, musicada pelos mestres Alves Coelho e Raúl Ferrão, em que se inauguram neste teatro os espectáculos por sessões — duas em cada noite — posta com o maior esmero, bom gosto, tocando a nota popular com magníficos cenários de Luís Salvador, Renda Serra e Amancio, Reinaldo Martins e Raúl Campos e guarda-roupa do costumier Castelo Branco e da Empresa de Materiais de Teatro, tomando parte no desempenho todos os artistas da companhia e desempenhando o «compère», «Frei Tomaz da Visitação», o actor cómico Joaquim Pratas, que se estreia neste teatro, depois do seu regresso do Brasil.

ESPERANTO

O desinteresse pela lingua internacional

A Sociedade Esperantista Operária «Nova Vojo» tem aberta a inscrição para um curso elementar de Esperanto, cuja inauguração se fará nos meados do corrente mês de Setembro. Apesar dos repetidos anúncios o número de inscritos é ainda ínfimo reduzido que faz crer que o operariado, que tem todo o interesse em fazer a aprendizagem da lingua internacional, se alheia completamente de tal magno problema. É vulgar ouvir a camaradas vários a afirmação de que aprenderão o Esperanto, mas a efectivação de tal dito nunca se dá... Apesar das recentes vitórias do Esperanto em Paris, não nos apercebemos aqui de interesse que elas despertassem. Sim, o Esperanto é muito útil, não há verdadeiros internacionalistas sem saberem Esperanto, etc., etc. E aqueles que tal afirmam são os primeiros a deixar a sua sorte o problema da lingua internacional, sem que a sério se lembrem de dispor de duas ou três horas por semana para sua aprendizagem. Urge que tal situação acabe! É necessário que se convençam todos da necessidade que há em se adoptar rapidamente o Esperanto; e, começando o seu estudo, usando-o quando o já souberem, poderão dar novo impulso à causa do operariado.

Na sede da «Nova Vojo», Rua do Mundo, 81, 2.ª, prestam-se todos os esclarecimentos.

«Nova Vojo» Sociedade Esperantista Operária

Na sua sede, rua do Mundo, 81, 2.ª, às 9 horas, começam a funcionar as aulas para o curso elementar de Esperanto. Reúne também a comissão administrativa.

AGREMIações VARIAS

Grupo Excursionista «União Operária»... Vem de reorganizar-se este antigo grupo, constituindo-se a seguinte comissão administrativa: Artur Figueiredo, Raúl Soares, Arlindo S. Cardoso, Manuel Inácio e José Maria Henriques, que afanosamente vai trabalhar no sentido de que as futuras excursões tenham a harmonia das já efectuadas.

Está aberta a inscrição de sócios no campo de Santa Clara, 50, 1.ª, e na rua do Paraíso, 1.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «S. Miguel» são hoje expedidas malas postais para a ilha da Madeira e Arquipélago dos Açores, efectuando a última tiragem da correspondência da Estação Central às 7 horas, mas do Cais de Santos recebe-se correspondência até às 9 e 45 da manhã, mediante o pagamento da sobretaxa de 20 centavos por objecto.

Por via Marinha também se expedem malas do correio para a Índia portuguesa e Macau, sendo a última tiragem às 11,30 da manhã.

TEATRO APOLO

Empresaria Luis Ruas, Limit.ª

HOJE, 8

o sensacional drama

O Conde de Monte Cristo

Nos principais papeis: Ilda Sticini e Rafael Marques

FESTAS E ROMARIAS

Serviço especial da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, por motivo das festas da Nazaré, nos dias 7 a 13 de Setembro de 1925. Bilhetes especiais de ida e volta em 2.ª e 3.ª classes a preços reduzidos de várias estações para Ceta e Valado, válidos para a ida nos dias 6 a 13 e para a volta até 14 de Setembro de 1925.

Preços de Lisboa-Rossio, 2.ª classe, 51\$15; 3.ª classe, 33\$40. Demais preços e condições ver nos cartazes afixados nos logares do costume.

ACREDITA:

A fraqueza, geral, a tuberculose, a anemia, o excesso de fadiga, o enfraquecimento orgânico só têm um inimigo poderoso

NUCLEO CALCINA

TÓNICO ENERGICO E SCIENTIFICO

Usado pessoalmente pelos nossos primeiros médicos

Superior a todas as imitações nacionais e estrangeiras

LISBOA: LABORATÓRIOS DA SERRA (SERRA SERRA) Praça dos Restauradores, 18

EDEN TEATRO

A MANHÃ DEFINITIVAMENTE

Duas sessões às 8 3/4 e 10 3/4

Primeiras representações da revista de género popular em 2 actos e 12 quadros

FREI TOMAZ OU O MISTÉRIO DA RUA SARAIVA DE CARVALHO

Original de Eduardo Fernandes (Escalápio) e Carlos Ferreira, música de Alves Coelho e Raúl Ferrão — Direcção artistica de Henrique Santana

A distribuição da peça e acessórios vão indicados nos respectivos cartazes e programas

EDEN TEATRO

A MANHÃ DEFINITIVAMENTE

Duas sessões às 8 3/4 e 10 3/4

Primeiras representações da revista de género popular em 2 actos e 12 quadros

FREI TOMAZ OU O MISTÉRIO DA RUA SARAIVA DE CARVALHO

Original de Eduardo Fernandes (Escalápio) e Carlos Ferreira, música de Alves Coelho e Raúl Ferrão — Direcção artistica de Henrique Santana

A distribuição da peça e acessórios vão indicados nos respectivos cartazes e programas

A 'Batalha' na provincia e arredores

Aldegalega

Na casa do Senhor...

ALDEGALEGA, 5. — Há aqui um padre com a alcunha de «Pólvora», que é invertido, tendo já sido apanhado em flagrante.

Há dias meteu dentro da sacristia, um garoto de uns nove anos para lhe ensinar o «ofício» mas o garoto começou a gritar, e como este fizesse grande escar-seu os outros garotos ouvindo-o começaram a arremessar pedras contra as portas da sacristia, fugindo o padre pela porta principal.

Eis uma acção digna dum componente dum seita que, através dos séculos, tem vivido da ignorância e da miséria dos povos.

Uma dum «cirineu»

Numa padaria dum «força viva» chamado Gabriel Domingos do Carmo, estando a vender-se pão com bichos, foram apreendidos perto de cem pães, que foram levados para a Câmara Municipal, pagando o Gabriel 500\$00 de multa.

Higiene pública

As ruas da vila são uma verdadeira esturmeira, com o que a Câmara se não preocupa, nem mais pessoa alguma, incluindo o director do periódico local «A Liberdade», dr. Paulino Gomes.—C.

Tôres Novas

O preço do pão

TORRES NOVAS, 4.—Editado pelo grupo Anarquista «Luz e Liberdade» desta localidade, foi recentemente distribuído um incisivo manifesto contra o preço do pão nesta vila.

No citado manifesto verberava-se implacavelmente a forma criminoso como os pais-dres as mais das vezes fornecem o pão: mal cosido e bafiento.

Também no aludido manifesto se exortava o povo consumidor a proceder com energia caso as entidades competentes não procedessem como deviam.

Finalmente, e devido à campanha levada pelo grupo Anarquista «Luz e Liberdade» contra o preço do pão, baixou este \$20 em quilo, estando-se agora a vender a \$80 cada quilo.

Como de costume saíam-se opondo-se obstinadamente a que o pão baixasse de preço, o já célebre industrial de padaria João Silva — o famigerado «força viva» cá do burgo.—C.

Borba

Um patrão exigente

BORBA, 5.—Um dia desta semana foi João Silva pedir trabalho ao seu antigo patrão, dr. Humberto Fernandes.

A BATALHA NA PROVINCIA E ARREDORES

Elvas

Uma atitude digna mal compreendida por alguns operários

ELVAS, 3.—Na construção dum novo teatro trabalham uns vinte operários, os quais estão sendo constantemente vigiados por um reles omeiro de nome Jaime Marques, cujas façanhas vamos narrar. Este censor da U. I. E. supõe, talvez, que os operários, além de se sugitarem ao duro regime de 11 horas de trabalho, facto do perfeito conhecimento do delegado do governo, ainda teriam que aceitar todos os seus insultos, que ao mais leve motivo expetora.

Perém tal não sucedeu impunemente, pois o encarregado António Gadocho, na ocasião em que o tal sr. Marques, num acesso de cólera, insultava um servente, fez-lhe sentir que quem trabalhava merecia tratamento mais digno e mais correcto.

Como continuasse na sua, todos os pedreiros, num louvável gesto de solidariedade, abandonaram o trabalho, demonstrando assim a sua repulsa por tão baixo procedimento.

Além do apoio de todas as criaturas de bem, têm os pedreiros o dos Trabalhadores Rurais desta cidade, porque gestos desta natureza são por nós tomados na devida consideração, o que não sucede com meia dúzia de serventes, que traíndo os seus deveres e a causa dos trabalhadores, se deixaram ficar, sem respeito pelos seus camaradas, mais conscientes a mais dignos. E o que lucraram? Oh!... vergonha!... uma semana decorrida 5 réis foram despedidos!—E.

Curia

As festas da semana finda

AGUIUM, 3.—Estão este ano muito concorridas as festas da Curia, sendo grande a frequência no casino.

Na passada semana realizaram-se animadas festas, todas em recinto fechado, com entrada paga.—E.

Caldas da Rainha

Um pseudo-correspondente deste jornal ameaçado por um tenente da G. N. R.

CALDAS DA RAINHA, 3.—O tenente que comanda o posto da G. N. R. nesta localidade, irritado com o que em *A Batalha* se disse do soldado n.º 199 (que já tem usado o n.º 196 e 169) mandou ir à sua presença o sr. Vítor Gonçalves, e, depois de lhe ler a correspondência que se referia ao facto de aquele soldado ter agredido um menor a pontapé no campo de futebol, supondo ser ele o autor da dita correspondência, ameaçou-o e repreendeu-o, chamando-lhe "agrador das massas operárias".

Como o sr. Vítor Gonçalves lhe respondesse que apenas dissera a um indivíduo que não conhece quem era a criança, o tenente disse-lhe não restar dúvida que era ele o correspondente de *A Batalha* e que ficava muito satisfeito por o conhecer.—E.

Quarteira

Em volta dum enterro

QUARTEIRA, 1.—Há cerca de três semanas morreu um filho do proprietário sr. Manuel Felizardo.

Como era o primeiro cadáver que se ia sepultar no cemitério desta vila, cujas construções e vedação ainda não estão concluídas, alguns indivíduos entre eles o barbeiro José de Mira lembraram fazer um enterro pomposo, para o que abriram uma subscrição pública, patrocinada pelo regedor.

Porém até à data ainda os promotores da subscrição, não prestaram mais nada, parecendo que não pensavam nisso ainda. Entretanto, a população interessou-se a quanto ela montou e se deixou saldo, para se lhe dar o destino que fôr julgado conveniente.—C.

Fronteira

Despedimento injusto que é arrogantemente confirmado por um engenheiro

FRONTEIRA, 3.—O que acaba de passar-se com alguns operários empregados na construção da linha férrea que ligará Extremoz a Castelo de Vide não pode ficar sem os nossos comentários. Foi o caso de terem sido despedidos no dia 27 do passado mês algumas centenas de traba-

lhadores desta região, sem qualquer explicação, não sucedendo outro tanto aos trabalhadores doutros lugares que para aquela construção foram admitidos.

Ao saberem do despedimento três dos atingidos dirigiram-se ao engenheiro Baptista Barros, junto do qual reclamaram contra o protecționismo a que nos referimos, tanto mais que parte dos despedidos eram mais antigos do que alguns dos que ficaram. O sr. Barros, de quem se exigia delicadeza e correcção, respondeu inconvenientemente aos interpellantes, dizendo que era por conveniência que assim procedia, ninguém tendo o direito de se intrometer nas suas atribuições. E aqui está como um homem de responsabilidade, pretendendo ser senhor absoluto, lança assim para a miséria grande número de trabalhadores, exactamente numa época de pavorosa crise de trabalho. E ainda os trabalhadores se podem conformar com estas medidas?—E.

Guarda

Criação dum grupo dramático

GUARDA, 3.—Por deliberação do Sindicato Unico da Construção Civil, reunido ontem em assembleia geral, foi constituído um grupo dramático sob o título de "Grupo Dramático Solidariedade Operária"—C.

Unhais da Serra

Desperdiça-se em festas e não se cuida do necessário

UNHAIS DA SERRA, 3.—Os povos de Unhais, Erada e Paul—cuja a população é constituída na sua quasi totalidade por gente pobre e trabalhadora—realisaram agora festejos religiosos e profanos aos quais deram uma grande pompa.

Estas festas que não têm uma finalidade nem um objectivo educador, antes pelo contrario custam muito dinheiro aos seus promotores. Somente em fôgo, queimaram as três localidades referidas, cerca de dez mil escudos! Com outras despesas igualmente inúteis, devem ter custado essas festas cerca de vinte mil escudos.

Vinte mil escudos queimados inutilmente num bródio, numa pândega, que nada, absolutamente nada de útil, de vantajoso, deixa a atestar o sacrificio dos povos!

E no entanto se percorremos esses logares encontramos em todos eles a par duma grande miséria e pobreza franciscana da grande maioria dos seus habitantes uma não menor miséria e pobreza nas suas coisas publicas, para as quais é difficilissimo congregar a solidariedade de que tão prodigamente dão provas nestas festas.

Que os seres inconscientes e ignorantes se solidarissem e auxiliassem essas festas desculpa-se, porque mais não percebem; mas nós os trabalhadores conscientes, do cérebro e do musculo, e todos aqueles que trabalham pela destruição dos falsos preconceitos e usos de povos atrasados, e consequentemente pelo aperfeiçoamento humano, não podemos nem devemos solidarizar-nos com festas de que só colhem benefícios os padres, que pregam sermões a cem escudos, e ladainhas e cantilenas a não sei quanto; e os taberneiros, que nestes dias envenenam o publico; com o sumo da uva, brutalizando-o.

Ninguém ignora decerto que nessas festas se praticam—quantas vezes—verdadeiros disturbios e immoralidades, devido ao criminoso excesso do uso das bebidas alcoolicas, que tão prejudiciais são á causa do progresso humano.

Faleceu João Fonseca, que foi sempre um operário honesto. O finado, que contava apenas 26 anos de idade, deixou dois filhos menores.—E.

Ois da Ribeira (Agueda)

Soterrados num arieiro, morre um trabalhador ficando outro em estado grave

OIS DA RIBEIRA (AGUEDA), 4.—Quando ontem se encontravam Abel Nunes de Oliveira, seu filho Arnaldo e Herculano Pinto, num arieiro pertencente ao Abel, a carregar um carro de bois, a ribanceira desabou soterrando-os e ao carro e pondo os bois em perigo.

O Arnaldo que ponde desembaraçar-se da areia, descobrindo o pai, com as mãos, pois as ferramentas ficaram enterradas, tirou-lhe a areia de cima da cabeça, indo pedir socorro a outro arieiro, de onde vieram em seu auxilio. Moviada a areia foram retirados o Abel em perigo de vida e o companheiro já cadáver.

O Herculano Pinto era natural de Lega-

do de prata, falou em voz baixa ao monarca, que, depois de o ouvir, deu três pancadas com o sceptro para impôr silêncio, e disse a Alano:

—Se me trouxeres a harpa de Merlin, que por quatro cadeias de ouro está presa á cabeceira da tua cama; sim, se conseguires desprender essa harpa e a trouxeres, terás, talvez, a minha filha...

—E essa harpa, madrinha, onde está ela? perguntou a pastorinha, cada vez mais interessada.—O que será preciso para obtê-la?

—Minha querida avó, disse Alano voltando a casa, minha pobre avó, se me ama dê-me um conselho. Tenho o coração magoado.

—Mau rapaz! se me tivesses escutado, se não tivesses ido a essa festa, não terias o coração magoado. Vamos, não chores; a harpa será desprendida. Eis aqui um martelo de ouro, vai...

Alano volta ao palacio do rei dizendo: Felicidade e alegria! aqui estou de novo; trago a harpa de Merlin...

—Ele tinha então podido tomar a harpa? disse Joana pasmada.—Onde e como a alcançou ele, madrinha?

Sybila dum ar misterioso apontou com um dedo para os lábios.

—Trago a harpa de Merlin, disse Alano ao rei; a vossa filha Linor é minha, vós o prometeste, senhor.

Quando o filho do rei ouviu isto, fez tromba e falou baixinho ao pai; o rei, depois de ouvir o filho, disse a Alano:

—Se me trouxeres o anel que Merlin traz no dedo da mão direita é tua a minha filha Linor...

—Pois que! madrinha, faltar duas vezes á sua promessa? Ah! é mal feito da parte do rei!... E o pobre Alano que vai ser feito dele?

—Alano, replicou Sybila, volta para casa a chorar e vai logo ter com sua avó.

—Ai de mim! avó, o senhor rei tinha dito... e eis que se desdiz!

—Não te aflijas dêsse modo, meu filho! Toma um

ramo que está no meu cofresinho; este ramo contém doze folhas tão brilhantes como o ouro, colhidas por mim em sete noites e em sete bosques, há sete anos.

—Que folhas de ouro eram essas, madrinha? Tinham-as os anjos ou os santos dado á avó de Alano?

Sybila abanou a cabeça negativamente e continuou a sua legenda.

—Apenas á meia noite o galo cantou, o cavalo preto de Alano esperava-o á porta.

—Nada temas, querido neto, Merlin não acordará tu tens em teu poder as minhas doze folhas de ouro... Anda, vai depressa.

O galo ainda não tinha acabado de cantar, quando o potro negro de Alano já galopava na planície... O galo ainda não tinha acabado de cantar, quando o anel de Merlin já lhe tinha sido tirado...

—E desta vez, Alano casou com a filha do rei, madrinha?

—Pela manhã ao alvorecer, Alano achava-se junto do rei, apresentando-lhe o anel de Merlin.

O rei ficou estupefacto, e todos aqueles que estavam em volta dele diziam:

—Eis aqui este mancebo; ganhou a filha do rei, nosso senhor!

—E' verdade, disse o rei a Alano.—Mas peço-te uma coisa, e será a última: se fizeres isso, terás a minha filha e todo o reino de Leão.

O que devo fazer, senhor?

—Trazer Merlin á corte para celebrar o teu casamento com minha filha...

—Meu Deus! exclamou a pastorinha cada vez mais maravilhada, como irá isso acabar?

—Enquanto Alano estava no palacio, sua avó vê passar Merlin por diante da casa.

—Merlin, donde vens tu com os teus fatos em farraços?—Onde vais tu assim descoberto e descalço?—Onde vais tu assim, velho Merlin, com o teu bordão de azevinho?

—Ai de mim! vou procurar a minha harpa, a consolação da minha vida neste mundo.—Vou em busca

Agenda de ABATALHA

CALENDARIO DE SETEMBRO

S.	4	11	18	25	HOJE SÓL
S.	5	12	19	26	Aparece às 6,11
D.	6	13	20	27	Desaparece às 18,51
S.	7	14	21	28	
T.	8	15	22	29	FASES DA LUA
Q.	9	16	23	30	L. C. dia 4 às 11,59
Q.	10	17	24	—	O. M. " 11 " 9,11
					L. N. " 19 " 13,13
					O. C. " 27 " 4,46

MARES DE HOJE

Fraimamar às 6,29 e às 6,52

Baixamar às 11,59 e às 00,00

CAMBIO

Países	Compra	Venda
Sobre Londres, cheque	96\$00	96\$25
Madrid, cheque	28\$4	
Paris, cheque	93\$5	
Suiza, cheque	38\$4	
Bruxelas, cheque	\$89	
New-York, cheque	19\$83	
Amsterdão, cheque	\$802	
Italia, cheque	\$80	
Brasil, cheque	2\$05	
Praga, cheque	\$59	
Suécia, cheque	\$534	
Austria, cheque	2\$82	
Berlim, cheque	4\$74	

ESPECTACULOS

TEATROS

Politeama.—A's 21,30.—O Leão das Estrelas.
 Politeama.—A's 21,30.—O Conde de Monte Cristo.
 Eden.—A's 20,30 e 21,30.—Frei Tomás ou o Mistério da Rua Saravia de Carvalho.
 Maria Vitória.—A's 20,30 e 21,30.—"Batallas".
 Casino de Sintra.—A's 21,30.—Concerto pelo tenor Lapeleterie.
 Jurema.—A's 21,30.—Irmãos e A. Cidades.
 Il Vicente (A Graça).—A's 20,30.—Animatografo.
 Avenida Perce.—A's 20,30.—Concertos e variedades.

CINEMAS

Olympia.—Chico Tereza—Salto Central—Cinema
 Godes.—Salto—Ideal—Salto Lisboa—Sociedade Pro
 motora de Educação Popular—Cine Paris—Cine Es
 critica—Chancier—Jivoli—Torreão.

PEDRAS PARA ISQUEIROS
 Metal Auer, assim como todas as peças de máquinas, tubos, molas, chumbeiros, etc., etc., peças, lampões. Vendem-se no Largo do Conde de Lopo, n.º 55 e quiosque.
 Dirigir-se a Francisco Pereira Lata e a casa que forçoso em melhores condições.

A GRANDE BAIXA DE CALÇADO
 SÓ COM O LUCRO DE 10% NA

SAPATARIA SOCIAL OPERARIA
 Sapatos para senhora 320\$
 Sapatos em verniz 380\$
 Botas pretas (grande salto) 480\$
 Botas brancas (pequeno) 280\$
 Grande salto de botas pretas 520\$
 Botas de couro para homem 480\$

Não confundir a SOCIAL OPERARIA com outra casa.
 Ver bem, pois só lá encontra bom e barato.
 A Social Operaria é na rua dos Cavaleiros, 18-20, com Filial na mesma rua, n.º 93.

AS OURIVESARIAS
 DA FIRMA
 Peixoto, Pinheiro & Maia, Lda
 R. da Palma, 14 e 16
 R. da Boa Vista, 22
 E DA FIRMA
 Peixoto, Maia & Pinheiro, Lda
 R. de São Paulo, 31
 R. de São Paulo, 114
 são as que mais se limitam
 TELEFONES: C. 13-2-N. 5117

dões, deste conchelo, de 52 anos, casado mas, sem filhos; estava ao serviço do Abel há mais de vinte anos.

Melhoramentos locais
 Estão já colocadas as louças numeradas no cemitério desta freguesia, trabalho levado a cabo pela Junta de Paróquia, como há tempos noticiámos, em virtude da confusão que antes se fazia, pois só os coveiros sabiam a quem pertenciam os covais, de modo que quando mudava o pessoal nunca mais ninguém se entendia.—C.

Lêde o Suplemento de "A Batalha"

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO

Saídas em SETEMBRO

Para Loanda e Lobito (direto) sairá no dia 10 do corrente, o vapor Cabo Verde, recebendo carga. Trata-se na sede da Companhia, rua do Comércio, 85.

Dia 15, para a Costa Ocidental de Africa, o paquete

Pedro Gomes

Saídas em OUTUBRO

Dia 1, para as Costas Ocidental e Oriental de Africa, o paquete

Moçambique

Dia 15, para a Costa Ocidental de Africa, o vapor

São Tomé

Saídas em NOVEMBRO

Dia 1, para as Costas Ocidental e Oriental de Africa, o paquete

Lourenço Marques

Dia 15, para a Costa Ocidental de Africa, o paquete

Africa

Saídas em DEZEMBRO

Dia 1, para as Costas Ocidental e Oriental de Africa, o paquete

Angola

Dia 15, para a Costa Ocidental de Africa, o paquete

Pedro Gomes

Aviso importante:—São avisados os srs. carregadores de que, sendo indispensável manter as saídas nas datas anunciadas, as suas cargas têm de estar no nosso cais ou ao costado do navio, pelo menos, até 3 dias antes do dia da saída.

As bagagens devem estar no cais até à véspera da saída e liquidadas nesse dia os seus excessos, havendo-os.

Para carga, passagens e mais esclarecimentos, trata-se:

EM LISBOA, na sede da Companhia

Rua do Comércio, 85

NO PORTO, na sua sucursal, Rua da Nova

Alfândega, 34

REUMATISMO

Sifilítico, Blenorragico, Gotoso, Articular, Artrítico, Muscular

"Reumatina"

24 horas depois não tem mais dores

"Reumatina"

E' inofensiva porque não exige dieta

Preço \$800

"Reumatina"

Vende-se em todas as boas

farmácias e drogarias

Pó Anti-blenorrágico

E' o mais poderoso combatente das blenorragias crônicas e recentes. Resultados imediatos e comprovados pelo distincto medico operador dr. sr. Cristiano de Moraes

Caixa 10\$00

Depósito Geral:

A. Costa Coelho

Bomjardim. 440—PORTO

DR. ARMANDO NARCISO

Médico do Hospital de Santa Maria

CLINICA MEDICA

Consultório: Travessa Nova de S. Domingos, 6 (R. do Amparo)

Residência: Rua Nogueira e Sousa, 17 ao Luciano Cordeiro

Pedras para isqueiros

METAL "AUER", as melhores do mundo. Um minúsculo, 3000. Porquitos, grandes despoços, isqueiros AUSTRIA E PORTUGAL, tubo largo, boa miquelagem, dura 2200.

Pedras fechadas e abertas, lampões, bicos, molas, rodas ôns e massiças. Pedidos no unico representante em Portugal: E. ESPINOSA, FILHO.

Rua André, 46, 2.º—LISBOA.

CALÇADO BARATO

SÓ VENDE

CANDEIAS

Intendente

Calçado Homem

Botas de vitela 30\$00

Botas de vitela 30\$00

Botas de vitela 30\$00

Botas de vitela 30\$00

Botas de vitela 30\$00

Botas de vitela 30\$00

Botas de vitela 30\$00

Botas de vitela 30\$00

Botas de vitela 30\$00

Botas de vitela 30\$00

Botas de vitela 30\$00

Botas de vitela 30\$00

Botas de vitela 30\$00

Botas de vitela 30\$00

Botas de vitela 30\$00

Botas de vitela 30\$00

Botas de vitela 30\$00

Botas de vitela 30\$00

Botas de vitela 30\$00

Botas de vitela 30\$00

Botas de vitela 30\$00

Botas de vitela 30\$00

Botas de vitela 30\$00

Botas de vitela 30\$00

Botas de vitela 30\$00

Botas de vitela 30\$00

Botas de vitela 30\$00

Botas de vitela 30



MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

Os salários na Rússia, segundo as declarações da delegação alemã

Do relatório dos delegados alemães a propósito da sua visita às fábricas de electricidade de Leningrado (17 de Julho de 1925) extraiamos a seguinte passagem sobre os salários:

«Os salários que correspondem aos lucros das fábricas vão crescendo. Eis a sua divisão durante o mês de Junho de 1925: Mecânicos de contadores ganharam trabalhando por peça de 103 a 196 rublos; um primeiro fogueiro 120 rublos; um fogueiro 93 rublos; um maquinista 98 rublos; um geralheiro 102 rublos pela jornada de oito horas.

Para os técnicos, os salários são os seguintes, também em Julho de 1925:

O director vermelho (rendimento máximo dum comunista), 192 rublos; o director técnico, 300 rublos; um engenheiro de rede de canalização eléctrica, 360 rublos; um engenheiro de contadores, 225 rublos; um verificador (jovem engenheiro), 175 rublos.

Tudo isso, sem desconto qualquer e, além disso, com alojamento, iluminação e aquecimento gratuitos.

Relações excelentes, verdadeiras relações de colegas (?) existem entre os operários e os empregados superiores (chefes, engenheiros, directores). Todos aspiram a aperfeiçoar o mais possível as fábricas.

Realmente é um comunismo bem compreendido o que existe actualmente na Rússia, fazendo-se ali distinções de salários entre indivíduos que se tratam como colegas, que indistintamente produzem trabalhos de utilidade e igualmente indispensáveis, e que possuem, estáclaro, iguais direitos à vida!

A greve marítima na Austrália

A União de Marinheiros e Fogueiros Marítimos da Austrália foi sempre uma das mais aguerriadas organizações marítimas do mundo. Por este motivo atraiu os ódios dos magnates armadores. Em vista da União controlar o trabalho em todos os portos tinha sido até agora difícil aos armadores romper o poder deste organismo, e reduzir os salários e as condições de vida dos marítimos, os quais eram os melhores do mundo.

Mas, recentemente, a União, cumprindo os compromissos solidários que tinha com os trabalhadores das outras indústrias, declarou o boicote a uns barcos que tinham sido reparados por amarelos; as juntas de arbitragem declararam ilegal o boicote, e ordenaram à União que tripulasse os barcos, e como esta se negasse a fazê-lo, a junta ordenou que fosse riscada dos registos das associações e declarada ilegal.

Os armadores aproveitaram esta ocasião para anular todas as regalias que se tinham visto obrigados a conceder à União, e fizeram registar uma outra União de amarelos. Isto originou a greve geral dos transportes da Austrália, que conta com o apoio de todos os outros trabalhadores organizados.

A redução de salários na indústria têxtil americana

Para demonstrar aquela «amizade», que —diz o órgão das «forças-vivas»— nutrem os patrões da América do Norte pelo seu pessoal, resolveram as associações patronais da indústria têxtil reduzir os salários de 10 0/0.

O número de operários atingidos por esta criminosa manobra é já de 60.000, e em vista do espírito reacccionário do falecido Samuel Gompers ainda predominar na Federação Americana do Trabalho, é natural que as organizações e este organismo aderentes não desenvolvam a acção revolucionária conveniente para fazer encolher as garras dos vampiros que ainda mais lhes querem agora sugar o sangue.

A morte dum «leader» operário indiano

Faleceu na Índia Chita Ranjan Das, um dos «leaders» mais categorizados do movimento nacionalista do seu país, e que à data da sua morte desempenhava o lugar de «mayor» de Calcutá.

Do seu partido fazem parte 78 dos 84 vereadores do município desta cidade, e muitos dos governadores das províncias pertencem ao seu partido. Foi ele que pela sua influência arrastou os operários indianos para o campo da política.

Do contrário de Gândi, entendia que os índios deviam declarar a sua independência pela força das armas, quando se sentissem suficientemente fortes.

Desta era um «leader» agressivo, mas disposto sempre a transigir, dizendo-se que estava pronto agora a entrar em combinações com «lord» Birkenhead, para que se desse à Índia uma espécie de «governo livre» dentro do império britânico.

SOLIDARIEDADE

Pró-José Vargas, António Dias e Pedro Guia de Oliveira

Realizou-se ante-onhem, no Salão da Construção Civil, o anunciado espectáculo a favor de José Vargas Júnior, António Dias e Pedro Guia de Oliveira, deportados na Guiné.

Tomaram parte neste espectáculo o duo «Jonet & Sili», do Gimnasio Club «Leois Amigos», num intermédio cómico e em forças combinadas, com agrado da assistência, e alguns cultivadores da canção nacional.

Preencheu os intervalos a trupe bandolinista «O Cravo».

Pró-João Fernandes Pinto

A comissão promotora da festa que, no próximo dia 12, se realiza na sede do Grupo Dramático «Estrela d'Alva», em Marvila, para auxílio deste camarada deportado, pede a todos os sindicatos para que deem conta dos bilhetes que lhes foram enviados para passagem, até ao dia 10, a fim-de a comissão a tempo poder fazer o apuramento.

A cura das doenças pelas Plantas

5.ª edição — Preço 2500, pelo correio 2833
Quilómetros à administração de A BATALHA

Carta de Espanha

Um socialista vendido aos burgueses

Entre os socialistas e os operários filiados na Casa do Povo de Madrid existe um desses conflitos que mais que se queira evitar, dá sempre máus resultados.

Os socialistas foram os que mais atacaram os dirigentes da C. N. T., impelidos por certos indivíduos que se dizem anarquistas ou sindicalistas.

José Maria Alvarez, presidente da União Geral de Condutores de Caruagens e da única Federação qualquer, e além disso ex-presidente da Casa do Povo e ex-candidato a presidente de conselho, valendo-se dos seus cargos e influências nas ditas organizações, recebeu da Sociedade Geral de Auto-Omnibus de Madrid, 10.000 pesetas, na ocasião em que se declarava em greve o pessoal da sociedade «La Velocidad», atraído assim os trabalhadores que nele tinham depositado confiança para triunfar do despotismo burguês.

Além desta importante quantia, o mesmo cavalheiro recebeu 250 pesetas durante os meses de Janeiro a Junho, como honorários pelos serviços prestados à sociedade burguesa a que já me referi, serviços que constaram simplesmente em atrair os operários, comprometendo-se a fornecer pessoal para que as caruagens do serviço público não deixassem de circular.

Foi «La Velocidad» que descobriu este lindo escândalo, devido ao acto notarial que tornaram público para conhecimento da organização e, digamo-lo também, para desgosto do partido Socialista, que, embora não tenha participação directa no assunto, não deixa no entanto de se desacerditar.

Já sabemos que as acções individuais não podem recair sobre as organizações e muito menos servir de desdouro às doutrinas, mas os socialistas são os que mais têm abusado do falso conceito da honradez. No partido socialista espanhol existem duas correntes que se encontram em perpétua discórdia, e foi devido a ela que se soube da imoralidade cometida por esse José M. Alvarez, como também foi assim que se descobriu uma outra cometida por um gerente da Mutualidade Operária, o qual é acusado de um desvio de 47.000 pesetas.

E são estes os elementos que se preparam para governar o mundo, como se eles possuíssem a moral mais lógica de todas as doutrinas...

Luis d'ARANIS

Uma empresa generosa...

As atenções dispensadas ao pessoal da moagem do Beato

O trabalho na fábrica de moagem do Beato decorre como no Paraíso.

O sr. Ermete Pires não se cansa de afirmar a sua amizade pelos operários e de se esforçar porque às colunas dos jornais não venha o que por lá se passa.

Temos por exemplo que o gerente mandou afixar em todas as dependências regulamentos severos, ordenando a sua rigorosa observância.

Os salários ali de 15800 a 18300 para os artistas, não vão além de 14500 para a maioria e desta quantia vão em ordem decrescente até 9500.

Ordenados principescos, como se vê; por isso os directores se queixam de não terem dinheiro para os pagar, pois têm que pôr dinheiro da sua algibeira para o fazerem.

Pobre Companhia Nacional de Alimentação! Mete do tal estado de ruína.

Os patifes dos operários é que sugam todos os proventos daquele nada lucrativo negócio.

A Federação Tipográfica Belga faz um apelo à sua congénere portuguesa

O Comité Central da F. T. B. enviou a F. T. L. J. a carta que a seguir traduzimos, apelando para a solidariedade dos trabalhadores portugueses filiados na Federação acima indicada.

Estamos certos que o pedido dos tipógrafos belgas obterá o apoio monetário que eles solicitam.

Eis a missiva enviada:

Presados camaradas—A Federação patronal belga das Indústrias do Livro declarou o «lock-out» desde 20 de julho p. p. Actualmente, temos 3360 membros em luta e sem trabalho desde o dia acima citado; as reclamações de 3370 filiados foram atendidas.

Os nossos grevistas recebem estatualmente 48 francos por semana, ou seja simplesmente shillings 4.6.

Os nossos membros que trabalham, pagam de 10 a 20 0/0 dos seus salários como taxa especial de greve—sem contar as quotas sindicais.

Temos a absoluta certeza de sair vitoriosos do conflito, mas para isso necessitamos de prestar um grande apoio aos nossos filiados. É por esta razão que novamente vos dirigimos um apelo. Necessitamos que nos ajudem para que não sejamos vencidos, pois doutra forma as nossas organizações desapareceriam.

O nosso salário mínimo variava de 123 a 175 francos por semana, conforme as regiões do país, ou seja de libras 1.16 a libras 1.50 pouco mais ou menos. Os camaradas devem compreender que não era nada exagerado o aumento de sh. 1. por semana, conforme tínhamos pedido. A-pesar-disso, os patrões preferiram o conflito, julgando destruir a nossa Federação. A par desta recusa, os patrões procuraram igualmente introduzir várias disposições draconianas no contrato colectivo que nos era proposto.

Nestas condições, deveis bem compreendê-lo, o nosso apelo é justificado e o nosso movimento deve ser apoiado.

Confiando na vossa solidariedade, e agradecendo desde já tudo o que fizerdes, vimos rogar-vos o favor de examinar de novo a nossa situação e de não esquecer que foi a Federação Patronal que nos atacou e que nos levou para o conflito.

Fraternamente, pelo Comité Central, O

Secretário federal

Ferrovários do Sul e Sueste

A reunião em Tunes

Reuniu-se no dia 1 do corrente, o pessoal desta localidade e das imediações, em grande número.

Depois de constituída a mesa, foi dada a palavra ao camarada Alfredo Carvalho, secretário geral do Sindicato, que expôs detalhadamente os fins das reuniões que se andavam efectuando na linha. Trata da precária situação económica dos ferroviários e da necessidade que há dos mesmos congregarem os seus esforços para o conseguimento das reclamações entregues, as quais lê para conhecimento dos interessados.

Alfredo Pinto, membro da comissão de melhoramentos, relata o resultado das «demarches» efectuadas junto das entidades competentes, demonstrando a base das reclamações formuladas, afirmando já terem sido concedidos idênticos aumentos aos trabalhadores assalariados do Estado que trabalham nos diferentes estabelecimentos que o mesmo possui. Cita vários exemplos justificativos da razão que assiste aos ferroviários de assim procederem neste momento, protestando energicamente contra os que pretendem negar este facto, na única mira de darem expansão à sua vaidade e fingirem colocar-se ao lado dos dirigentes.

Mário Castelhamo, membro da Federação Ferroviária, começa por patentear a sua satisfação pela forma como os ferroviários têm sabido acudir às reuniões que se estão efectuando, o que prova não só as suas necessidades latentes, como um grau de consciência digno de registo.

Alarga-se em considerações de ordem associativa para tirar a dedução de que só por intermédio do sindicato poderão os ferroviários vir a disfrutar melhor situação.

Cita, em reforço da sua asserção, o facto de ao pessoal eventual, que se encontra na construção da linha de Estremoz a Castelo de Vide, ser comunicado que os seus salários 12500 passariam a 9 brevemente! Isto é exactamente por o referido pessoal não possuir organização alguma!

Entra em seguida na apreciação do estado económico, moral e social dos ferroviários portugueses, provando que só um organismo como a Federação poderá modificá-la, para o que todos os ferroviários do país devem congregos os seus esforços.

Depois de se referir à missão e objectivos da Federação, põe em relevo a obra realizada pelas organizações ferroviárias estrangeiras referindo-se desenvolvimentos às grandiosas lutas que os ferroviários portugueses têm tido, os quais necessitam um espírito de continuidade para produzirem os resultados necessários.

Manuel Joaquim de Sousa, delegado da Confederação Geral do Trabalho, refere-se à atitude que os ferroviários do Sul e Sueste estão tomando neste momento, a qual deveria ser imitada por todas as restantes classes, não só pelo facto de se continuar fazendo sentir o custo da vida, como ainda para se enfrentar a reacção da classe capitalista que pretende reduzir os salários actuais, sem justificações de espécie alguma.

Trata da situação moral dos trabalhadores e do valor da organização operária consubstanciada na C. G. T.

Refere-se à posição que os trabalhadores devem tomar perante todas as organizações políticas, visto que todas elas são prejudiciais aos interesses daqueles e preconiza a defesa dos mesmos por intermédio da organização, única fórmula capaz de produzir a sua emancipação.

Termina, afirmando estar a C. G. T., sempre de acordo com a acção dispendida pelo operariado, dando portanto todo o seu apoio às reclamações dos ferroviários do Sul e Sueste.

Em seguida foram aprovados todos os documentos já citados.

A reunião de Portimão

Efectuou-se nesta cidade no dia 2 do corrente uma sessão entre o pessoal ferroviário, com a presença dos seguintes delegados: Alfredo Carvalho, secretário geral do Sindicato; Alfredo Pinto, da Comissão de Melhoramentos; Mário Castelhamo, da Federação Ferroviária, e Manuel Joaquim de Sousa, da C. G. T.

Tudo o pessoal que assistiu à reunião tomou conhecimento dos trabalhos realizados pelo Sindicato, tendo aprovado as moções que já noutros pontos da linha haviam sido sancionadas.

Todos os oradores se referiram à organização dos ferroviários e dos restantes trabalhadores, patentando a necessidade dos mesmos estabelecerem entre si uma forte solidariedade. O problema, ferroviário foi tratado com todo o critério, manifestando-se todos os presentes de acordo com as opiniões expostas.

Os delegados partiram para Lagos, onde vão realizar outra sessão.

Congresso Confederal

Realiza-se hoje uma sessão de propaganda em Sintra

Promovido pelo Sindicato Unico da Construção Civil de Sintra realiza-se hoje na sede deste organismo, pelas 17 horas, uma sessão de propaganda do Congresso Confederal, devendo fazer uso da palavra delegados da C. G. T. e Federação da Construção Civil.

O Sindicato da Construção Civil de Tires

TIRES, 7.—O Sindicato da Construção Civil reuniu em assembleia geral a fim-de se ocupar de duas circulares da C. G. T., que tratam do Congresso Confederal, a realizar em Santarém.

Todos os oradores defenderam com ardor a representação deste organismo na magna assembleia de Santarém. Como o estado financeiro não permite semelhante encargo, a assembleia resolveu nomear uma comissão a qual ficará com a incumbência de promover uma festa cujo produto deverá fazer face àquele encargo. Essa comissão ficou composta por José da Silva, Domingos Ricardo, Carlos Luis Sabido, Joaquim Emiliano e Artur Moreira Sabido.

Para delegado ao Congresso Confederal foi nomeado o camarada Lourenço Luis Sabido.

Na "Voz do Operário"

Os "Ostras" votam a sua absolvição!

A falta de espaço com que lutamos não nos tem permitido occuparmo-nos da última assembleia desta sociedade o que só hoje podemos fazer.

Antes porém de nos occuparmos do relato da sessão, um outro caso nos chama a atenção e para ele também a chamamos de todos os que têm seguido com interesse os acontecimentos que se têm vindo desenrolando dentro desta colectividade há anos; como os nossos leitores sabem, nas últimas duas assembleias foram pela comissão sindicante formuladas acusações de tamanha gravidade, às gerências anteriores, que causaram sensação e espanto, ficando toda a gente sabedora da razão por que os «Ostras» não querem deixar a sociedade, que eles diziam administrar com «carinho».

Entre essas acusações há a da saída de materiais da obra da sede para uma outra que um irmão dum tesoureiro crónico da sociedade estava construindo no Alto do Varejão, abusando e defraudando assim a mesma na qual tinha o cargo de encarregado da obra, e que era largamente estendiado pelo cofre social com constantes e seguidos aumentos, chegando por último a ser nomeado por seu irmão fiscal das cartelas (!) para assim ficar anilhado na sociedade quando a obra acabasse, recebendo o seu ordenado mensalmente.

O diabo foi que a comissão sindicante tratou de desmanchar o «arranjinho» e lá se foi... o fiscal a andar, sem se atender aos seus relevantes serviços.

Pois este inculto varão no dia da assembleia, tendo visto na *Batalha* o extracto da sessão anterior, foi cobardemente esperar Anastácio Antunes, quando num sítio ermo seguia despreocupadamente para o trabalho e agrediu-o sem respeito nem pela sua idade nem pelo mais elementar decorepo se alguma responsabilidade esse indivíduo tinha a tomar, não era com certeza ao alvejado, mas a quem na assembleia apresentara esse súdrio, que consta do relatório do agente policial que a sindicância nomeou para apurar o que eram os arranjinjos de certos «Ostras».

Este nosso amigo compareceu na sessão de hoje nos occupamos, e aí, dentro da sala, foi novamente provocado pelo tal Lucas, pois é este o nome do fanfarrão, o qual também quiz meter dente com o secretário da sindicância, que lhe respondeu à letra, ficando ele então de procurar o agente policial para lhe provar as afirmações contidas no relatório referido.

Ao nosso amigo Anastácio aqui lhe enviamos um abraço de solidariedade de envolta com o nosso protesto contra o seu selvático agressor.

A leitura da sentença absolutória

A sessão abriu e depois de lidas duas actas anteriores, que foram aprovadas, o sócio Francisco Reis fez algumas considerações sobre a «coincidência» das mesmas serem muito desenvolvidas na parte que se refere a alguns oradores e serem muito omissas quando se trata doutros que fizeram importantes afirmações. Habilidade já sobejamente conhecida...

Em seguida, como estivesse esgotada a inscrição de oradores, o presidente da comissão administrativa que se sucedeu à sindicância leu um documento em que se pretende refutar as afirmações feitas nas assembleias, fazendo também referência ao roubo da biblioteca e afirmando que José Maria Gonçalves fora previamente avisado da aparição de 25 obras dadas como roubadas, o que este nosso amigo já numa assembleia anterior provou ser falso. O documento lido é uma resposta da comissão que—caso curioso—sendo composta de 7 membros só 2 o assinaram!

Entrou-se então no último acto da grande farça, assistindo-se a este espectáculo único, bem revelador da moral dos «Ostras»: todos os documentos como moções e propostas apresentados pelos auxiliares, foram rejeitados, com excepção da moção do sócio «Júlio Medeiros» perdão... Fernandes Alves, passando um atestado de bom comportamento a quem ele outrora nas calunas da *Batalha* fulminou com graves acusações, que mais tarde à comissão de sindicância declarou não se lembrar!!

Mas o mais interessante do caso é que este... patusco faz nessa moção uma analogia da obra da comissão sindicante, com a dos «Ostras» para chegar à conclusão... de que ambas as entidades... erraram... por ser isso próprio dos homens! Que desdém e que audácia! E só deste estódo os videirinhos da «Voz».

E veja-se este fenómeno edificante: Os «Ostras» votaram em rebaixar esse documento, o que quer dizer que se serviram do próprio voto para se absolvem (?) das immoralidades e poucas vergonhas de que foram acusados, sem que sequer tentassem defender-se; nas 27 sessões que se deram na «Voz», restando aos auxiliares, ver no futuro ao tais cavalheiros «reabilitados», fazendo-se eleger pelos processos caciaqueiros do passado e não podendo comer à tripa fórra, pois para outra coisa não serve a proposta que a actual comissão administrativa enviou para a mesa, tendente a ser pago todo o serviço extraordinário aos corpos gerentes.

Que miséria moral!

Mas julgámo os donos da «Voz» que isto fica assim?

Verão como se enganam, pois não largaremos mão desta questão.

Como nota interessante devemos acrescentar que foi aprovada uma proposta de inquérito a certos e estranhos casos, de que foi acusado o videirinho Travessa, empregado da Sociedade, passados dentro do edifício social.

JÁ SAIU A 7.ª SERIE

DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profundamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cerca de 320 páginas 6500.

A obra mais barata que no género se publica

VIDA SINDICAL

Comissão Revisora de Contas de «A Batalha»

Reúne hoje, pelas 20,30 horas, para prosseguir nos seus trabalhos.

Câmara Sindical do Trabalho DE LISBOA

Comissão instaladora

Reúne hoje, pelas 21 horas.

COMUNICAÇÕES

Vendedores de Jornais.—Reuniu a assembleia geral para continuação de trabalhos. Apreciação a forma como as empresas jornalísticas estão satisfazendo as pretensões da classe, aprovou uma proposta com as seguintes conclusões: Que se as reclamações não forem atendidas a comissão administrativa actue energicamente, indo até onde as circunstâncias o determinarem; que seja declarada a greve em princípio a todos os jornais que saíam depois das 7 horas.

Pintores da Construção Naval e Anexos.—Reuniu a assembleia geral para apreciar as «demarches» realizadas para solução da greve na Parceria dos Vapores Lisboenses. Como a solução do conflito depende ainda da reunião do Conselho Federal Marítimo, resolveu continuar a prestar solidariedade aos grevistas.

CONVOCAÇÕES

REUNEM HOJE:

Federação do Livro e do Jornal.—A Comissão Organizadora do Congresso, às 18,30 horas, para apreciação de teses.

Federação da Construção Civil.—Conselho Federal.—Pelas 20 horas, para apreciar as teses do Congresso Confederal e outros assuntos.

Federação Metalúrgica.—Comissão Administrativa, às 20 horas.

Conselho Federal.—N's 21 horas, para assuntos de máxima importância.

Sindicato U. da Construção Civil.—Comissão Escolar.—Para tratar de assuntos inadiáveis, às 21 horas.

Compositores Tipográficos.—Pelas 18 horas a assembleia geral para continuação dos trabalhos do Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal.

Tanoeiros.—Para apreciar o movimento da casa José Vilar a assembleia geral, pelas 19 horas, devendo comparecer o pessoal de todas as oficinas e armazéns.

Impressores Tipográficos.—A Direcção, pelas 21 horas.

Operários Alfaiates.—A assembleia geral, pelas 21 horas, com a seguinte ordem de trabalhos: 1.ª—Apreciação de trabalhos iniciados para uma conferência dos Sindicatos de alfaiate do país, e nomeação da respectiva comissão organizadora. 2.ª—Apreciação das teses do Congresso Confederal e nomeação do delegado. 3.ª—Nomear mais um delegado à C. S. T.

Sindicato Unico Metalúrgico.—Secção de Belém.—A Comissão Administrativa, pelas 20 horas.

DIAS PRÓXIMOS

Federação Ferroviária.—Reúne amanhã pelas 21 horas, a Comissão Executiva deste organismo, para tratar de assuntos urgentes.

Manufactureiros de Calçado.—Reúne a assembleia geral na próxima quinta-feira, pelas 21 horas, para continuação dos trabalhos.

Litógrafos e Anexos.—Amanhã, pelas 20 horas.

CRISE DE TRABALHO E BAIXA DE SALÁRIOS

A miserável situação dos operários de São Bartolomeu

SÃO BARTOLOMEU (São Sebastião dos Cardos), 6.—Os operários desta localidade vivem na mais completa miséria, ganhando um salário irrisório que atinge o máximo de 4500.

A-pesar desta situação horrorosa não parece o operariado disposto a lutar por uma mais condigna remuneração do seu trabalho exaustivo, pois não há memória de que algum se tenha rebelado contra tão vil exploração.

Necessário se torna que os operários desta localidade se interessem pela conquista dos seus direitos, organizando-se dentro dos seus sindicatos, a fim de poderem impôr-se como homens que têm todo o direito a uma vida mais desfogada.—E

Rendimentos dos operários

ALDEGALEGA, 5.—Na fábrica de cortiça de Noudet & C.ª, ficou entalado nas prensas dos fornos de cozer cortiça o operário, menor, de 16 anos, José da Carolina, tendo recebido curativo no posto da Cruz Vermelha desta vila.—C.

Secção Telegráfica

C. G. T.

Associação dos Pasteleiros, Confeiteiros, Chocolateiros e Artes Correlativas.—Precisamos que venha hoje pelas 21 horas, ao conselho jurídico, um membro da direcção.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

Este Secretariado reúne hoje às 21 horas as suas duas comissões, de assistência jurídica e auxilio.

CONSULTAS JURÍDICAS

Hoje às 21 horas os advogados deste Secretariado dão consultas jurídicas a todos os confederados que delas necessitem, bastando para isso a apresentação da cadereta confederal em dia.

20 horas, reúne-se a assembleia geral para apreciar as teses que vão ser presentes ao Congresso dos Trabalhadores do Livro e do Jornal, e as do Congresso Confederal, e outros assuntos de interesse para a classe.

Federação Corteceira Nacional.—Reúne amanhã, pelas 13 horas, o Conselho Federal para tratar um assunto urgente.

Comissão Mista de Propaganda e Organização Sindical do Alto do Pinheiro.—Reúne amanhã, pelas 21 horas, na Secção da Construção Civil, devendo acompanhar os camaradas que trabalham nas fábricas de cerveja e que estejam de acordo com a constituição da respectiva Associação.

SINDICATOS DA PROVINCIA

Federação dos Trabalhadores Rurais

Comissão administrativa.—Reuniu-se em 1 do corrente. Apreciação e registou as adesões dos Sindicatos ao Congresso Corporativo os quais são os seguintes: Evora, Souz, Vendas Novas, Ceral do Alentejo, Borba, Ervedal, Sêda, Cabeço, Benavilla, P